

FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ

REVISTA UNIFOR



UNIFOR
ENSINANDO E APRENDENDO

EDIÇÃO 01
JANEIRO 2017
WWW.UNIFOR.BR

LAÇOS COM O FUTURO

IGOR ARARIPE ACABA DE SE GRADUAR EM DIREITO AQUI NA UNIFOR. ELE, ASSIM COMO TANTOS OUTROS EGRESSOS, PARTE PARA UMA NOVA FASE DE SUAS VIDAS GUARDANDO NOSSA UNIVERSIDADE COMO UM LUGAR PARA ESTAR SEMPRE EM CONTATO, EXPANDINDO O FUTURO, SEM DESATAR O LAÇO FORTE DAS BOAS LEMBRANÇAS.



UNIFOR / LE CORDON BLEU
UMA PARCERIA DELICIOSA
E PROMISSORA

ESPAÇO CULTURAL UNIFOR
PATRIMÔNIO TURÍSTICO
DE FORTALEZA

ENTREVISTA - LILIA SCHWARCZ
UM OUTRO OLHAR SOBRE
A HISTÓRIA DO BRASIL

MULHERES UNIFOR
ELAS DEFINEM
O QUE É SUCESSO

VENHA PARA

A MELHOR UNIVERSIDADE

DO NORTE/NORDESTE*

NOSSOS CURSOS

CIÊNCIAS TECNOLÓGICAS

- ARQUITETURA E URBANISMO
- CIÊNCIA DA COMPUTAÇÃO
- ENGENHARIA AMBIENTAL E SANITÁRIA
- ENGENHARIA CIVIL
- ENGENHARIA DE COMPUTAÇÃO
- ENGENHARIA DE CONTROLE E AUTOMAÇÃO
- ENGENHARIA ELÉTRICA
- ENGENHARIA ELETRÔNICA
- ENGENHARIA MECÂNICA
- ENGENHARIA DE PRODUÇÃO
- ANÁLISE E DESENVOLVIMENTO DE SISTEMAS
- CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS
- ENERGIAS RENOVÁVEIS

CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO E GESTÃO

- ADMINISTRAÇÃO
- AUDIOVISUAL E NOVAS MÍDIAS
- CIÊNCIAS CONTÁBEIS
- CIÊNCIAS ECONÔMICAS
- COMÉRCIO EXTERIOR
- JORNALISMO
- PUBLICIDADE E PROPAGANDA
- EVENTOS
- MARKETING
- GESTÃO DE RECURSOS HUMANOS
- PROCESSOS GERENCIAIS
- DESIGN DE MODA
- SECRETARIADO (EAD)

CIÊNCIAS DA SAÚDE

- EDUCAÇÃO FÍSICA
- ENFERMAGEM
- FARMÁCIA
- FISIOTERAPIA
- FONOAUDIOLOGIA
- MEDICINA
- MEDICINA VETERINÁRIA (NOVO)
- NUTRIÇÃO
- ODONTOLOGIA
- PSICOLOGIA
- ESTÉTICA E COSMÉTICA

CIÊNCIAS JURÍDICAS

- DIREITO

* Segundo o RUF 2016 (Ranking Universitário Folha), considerando apenas universidades particulares.



CAMINHOS QUE SE CRUZAM

É com toda alegria que lançamos a primeira edição da nossa tão aguardada Revista Unifor, um projeto pensado com todo carinho para todos que vivem a Universidade de Fortaleza. A ideia de ter um espaço para dar visibilidade aos nossos alunos, tanto os que ainda estão conosco quanto os que hoje percorrem novos e brilhantes trajetos, não é nova. Escolhemos, então, uma época mais que especial para lançá-la ao mundo: a colação de grau, uma noite de festa em que comemoramos juntos a concretização de uma etapa fundamental na vida de nossos alunos. Há alguns anos, eles chegaram à Unifor com um sonho no coração. Hoje, eles saem como profissionais e com muitos outros sonhos a realizarem.

Muitos já se formaram e percorrem, há algum tempo, seu trajeto de sucesso, outros estão apenas começando a caminhada. A Revista Unifor vem mostrar trajetórias trilhadas, histórias que nasceram aqui e que hoje ganham o mundo. Professores, alunos, funcionários, egressos, unidos por um laço único: a Unifor. Este é um laço que não se desfaz.

É num clima de sonhos realizados e esperança no futuro que lançamos a Revista Unifor. Com matérias descontraídas em um projeto gráfico criativo, não é falsa modéstia dizer: nossa revista está linda e ela foi feita para vocês! Esperamos que gostem e enviem seus comentários através dos nossos canais de comunicação.

Boa leitura!

ANA QUEZADO

Diretora de Comunicação e Marketing da Unifor

Chanceler Airton Queiroz
Reitora Fátima Veras
Vice-Reitor de Ensino de Graduação Henrique Sá
Vice-Reitora de Pós-Graduação Lília Sales
Vice-Reitor de Extensão Randal Pompeu
Vice-Reitor de Administração José Maria Gondim
Diretora de Comunicação e Marketing
Ana Quezado
Diretoria de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação João José Vasco Peixoto Furtado
Diretoria de Planejamento
Marcelo Nogueira Magalhães
Diretoria de Tecnologia
Antônio Roosevelt G. Chaves

REVISTA DA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA, DA FUNDAÇÃO EDSON QUEIROZ

Edição Natasha Brand (CE01691JP)
Textos Natasha Brand, Luiz Carlos de Carvalho e Alyne Cardoso
Estagiários Gustavo Nery, Sabrina Rolim, Andreza Reis, Maria Navarro e Bruno Bressam
Organização Editorial Sílvia Furtado
Design Gráfico LaBarca.Design
Revisão Diego Moreno e Lucas Carneiro
Fotos Ares Soares
Impressão Gráfica Unifor
Tiragem 3.000 exemplares

CONSELHO EDITORIAL

Bete Jaguaribe / **Coordenadora do curso de Audiovisual e Novas Mídias**
Lara Fernandes / **Coordenadora do curso de Direito**
Randal Pompeu / **Vice-Reitor de Extensão**
Henrique Sá / **Vice-Reitor de Ensino de Graduação**

ATENDA ÀS NECESSIDADES DE SUA CARREIRA. FAÇA PÓS-UNIFOR!

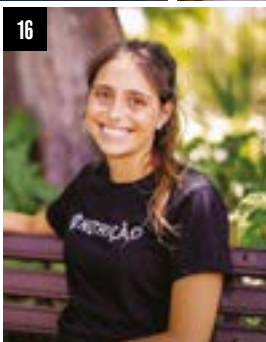
MATRÍCULAS ABERTAS

PÓS·UNIFOR
líderes que transformam

INFORMAÇÕES:
(85) 3477.3178 | 3174
posgraduacao.unifor.br



14



04 EDITORIAL

08 TAGS

- Unifor no Prêmio Gandhi de Comunicação
- Moda ecológica para o mundo
- Do laboratório ao pódio
- Negociações Internacionais

10 PRATELEIRA

Livros para compartilhar conhecimento, experiências sensoriais e estéticas ou simplesmente se deixar levar por mistérios e conspirações.

14 MARQUE UM AMIGO

Raquel Morano

16 CARTÃO DE EMBARQUE

Idas e vindas

18 NO INTERVALO

Nossos alunos contam o que fazem no tempo entre uma aula e outra.

22 PERFIL

Jornada Latina



28 COLAÇÃO DE GRAU

Viva o Canudo

36 ENTREVISTA

LILIA SCHWARCZ

A outra história do Brasil

44 PARCERIA UNIFOR - LE CORDON BLEU

Gastronomia com grife e sotaque franceses

50 MERCADO DE TRABALHO

Três mulheres graduadas pela Unifor narram suas trajetórias de sucesso profissional

60 CULTURA

ESPAÇO CULTURAL UNIFOR
Patrimônio Turístico de Fortaleza

68 PIQUENIQUE

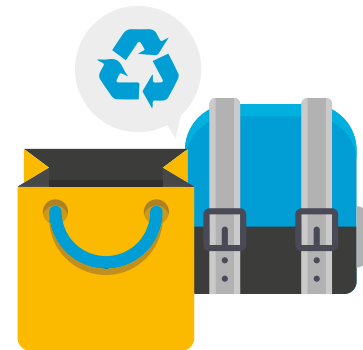
Um campus para a cidade

74 VAI DEIXAR SAUDADE



UNIFOR NO PRÊMIO GANDHI DE COMUNICAÇÃO

Dois grupos de alunos da Universidade de Fortaleza foram contemplados na 9ª edição do Prêmio Gandhi de Comunicação, evento voltado para profissionais e acadêmicos da Comunicação Social (Jornalismo e Publicidade e Propaganda). A equipe Unifor, representada pelos alunos Yan Gurgel, Marcella Vieira, Nicácio Ramon, Amanda Murray, Germano Rocha e Thais Mesquita, levaram o prêmio na categoria Publicidade com o trabalho “Em Qualquer Lugar, a Qualquer Hora”. Já Fernanda Leite Sayuri, do Audiovisual e Novas Mídias, participou do grupo que ganhou na categoria Profissional de Jornalismo para Web, com a matéria “Viúvas do Trabalho”. Este é o segundo ano que Fernanda participa e recebe o prêmio Gandhi de Comunicação. No ano passado, ela foi contemplada pelo seu trabalho na reportagem “Meu Nome é Favela”.



MODA ECOLÓGICA PARA O MUNDO

Em 2016, Alexia Laborda e Marina de Paula, alunas do curso de Comércio Exterior da Unifor produziram um plano de exportação para a Green Bag, marca fabricante de bolsas e mochilas que utiliza material reciclado. Um projeto considerado pioneiro do Núcleo Práticas em Comércio Exterior (Nupex) por estar relacionado a produtos *ecofriendly*. “Em nossas pesquisas, ainda não vimos concorrentes nacionais com esse tipo de produto”, conta Alexia, coordenadora do plano. As *ecobags* da empresa são produzidas com resíduos de lonas de automóvel, cintos e discos de vinil.

Esta é a terceira edição realizada pelo Núcleo para a produção de planos de exportação. Em cada equipe, os alunos analisam a capacidade produtiva e de exportação das empresas, verificam os diferenciais do produto e seu potencial dentro do mercado externo, entre outros fatores.

“Está sendo uma experiência incrível de crescimento tanto em noções ecológicas como também pelo lado profissional, de estar com uma empresa, montando um projeto de exportação para ela e entendendo como é o processo. É ótimo ver que a Unifor pensa nesse lado de não ter só a parte de conteúdo [teórico], mas também a parte prática”, explica Alexia.

Foto: Ares Soares (Prêmio Gandhi) / Arquivo pessoal (Caio Manuel Caetano Adamian, Negociações Internacionais)



DO LABORATÓRIO AO PÓDIO

A Universidade de Fortaleza ajudou o estudante Caio Manuel Caetano Adamian, aluno do Colégio Farias Brito, a conquistar medalha de prata na Olimpíada de Ciências Júnior Americana e medalha de bronze na Olimpíada Ibero Americana de Biologia. Caio participou de treinamentos nos laboratórios de Análises Proteômicas e de Biologia Molecular da Unifor. Segundo ele, além dos professores, alguns acadêmicos de Medicina e Farmácia auxiliavam nos treinamentos, que duraram em média uma semana.

Coordenado pela professora Ana Cristina Moreira, docente do Mestrado em Ciências Médicas da Unifor, o Laboratório de Análises Proteômicas está instalado no Núcleo de Biologia Experimental (Nubex) da Universidade e recebe periodicamente alunos de Ensino Médio que alcançam destaque em olimpíadas científicas. Há também treinamento na área de Biologia Molecular, realizado no laboratório coordenado pelos professores Kaio Tavares e Leonardo Tondello Martins, do curso de Medicina da Unifor. “A parceria ocorre desde 2015, quando a estudante Leticia Pereira de Souza conquistou medalha de bronze na Olimpíada Internacional de Biologia, ocorrida na Dinamarca.

Realizada na cidade de Brasília, em setembro último, a 10ª Olimpíada Ibero-Americana de Biologia contou com a participação de estudantes de 12 países das Américas do Sul e Central, além de Portugal e Espanha. Já a Olimpíada de Ciências Júnior Americana foi realizada na Colômbia, entre os meses de setembro e outubro últimos.



NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS

Jasmina Bucar, Davi Lavareda, Ana Caroline Farias, Pamela de Aguiar, Larissa Antunes, Levy Rocha, Lara Montenegro e Marina Lecas, alunos do curso de Comércio Exterior, treinados pelo Núcleo Práticas em Comércio Exterior (Nupex), participaram do Projeto Ceará Móveis Export, organizado por empresas filiadas ao Sindicato dos Corretores de Imóveis do Ceará (Sindimóveis), em parceria com o Centro Internacional de Negócios (CIN), da Federação das Indústrias do Estado do Ceará (Fiec). Eles vivenciaram suas primeiras experiências em uma rodada de negociações internacionais.

“Os alunos adquirem experiência prática e são preparados para atuarem dentro de empresas que desejem internacionalizar seus negócios. “Essa parceria é um maneira de abrir mercado para a atuação dos nossos alunos.” - explica a professora Mônica Luz, coordenadora do Nupex - “Uma maneira de dar apoio ao empresariado, oportunizar crescimento às empresas, além de abrir mercado para a atuação dos nossos alunos” - conclui.

PRATA DA CASA

LIVROS DE NOSSOS ALUNOS E PROFESSORES

MAS AFINAL, O QUE É ESTÉTICA?

Carlos Velázquez Rueda

SOBRE O AUTOR / Docente ligado à área de Artes Visuais do Centro de Ciências da Comunicação e Gestão da Unifor e orientador do grupo de pesquisa MITHO (Movimento Investigativo Transdisciplinar do Homem), projeto que desenvolve estudos acerca da mitologia na construção social dos indivíduos.

O livro propõe pensar a estética para além das aparências e enveredar por uma redescoberta da educação sensível. Falar sobre coisas é um privilégio humano tão fascinante que, às vezes, a despeito das coisas, torna-se um fim em si. Falamos sobre coisas que não são mais elas, são imaginações sobre imaginações, palavras que correm soltas dispostas a assumirem qualquer sentido, pois carecem, por desconhecimento, de seus objetos de origem. Na atualidade, a palavra estética é um bom exemplo disso. Esteta é o modista, como o é o ortodontista, o cabeleireiro, o *personal training* e o cirurgião plástico. Todavia, estética é falar sobre coleções de arte ou justificar absurdos de arte contemporânea.



“Originalmente minha literatura é outra, pois sou músico e prefiro, portanto, escrever ‘bolinhas pretas’ em pautas de cinco linhas. Entretanto, depois de um bom período de minha vida profissional exercendo a música, comecei a perceber, com perplexidade, uma crescente crise perceptiva na sociedade global contemporânea. Meu livro sobre estética é a culminação de dez anos de questionamentos e estudos, ora a estética era um estilo, ora era uma forma de produção ou, então, um fenômeno misterioso que

deambulava entre certas preferências de gosto e interesses políticos e comerciais francamente incompatíveis com noções caras à estética, como o é a beleza. O objetivo da obra está no subtítulo, já que o que realmente considero importante é a recuperação do sentido pleno e integral da educação. Não importa se não a chamamos de estética mas, a despeito de si, ela constitui um convite à redescoberta da educação sensível.”

Carlos Velázquez



ÉRICA - RELATOS DE CONSPIRAÇÃO

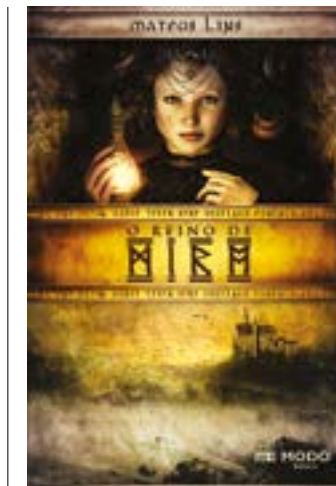
Larissa Barros Leal

SOBRE A AUTORA / Estudante do 7º semestre do curso de Medicina da Unifor.

Érica, uma jovem de 15 anos levava uma vida normal em Fortaleza até a manhã em que seus pais foram mortos no lugar dela. Após descobrir que seu nome fazia parte da lista negra da Ordem das Doze Tribos de Israel (ODTI), recebe um convite para se tornar uma agente da Europol, que luta com todas as suas forças para impedir que fundamentalistas exterminem a humanidade. Enquanto isso, no Cairo, em Moscou e Washington, personagens tentam lidar com experiências conflitantes e repletas de tensão. Todas essas histórias se conectam numa misteriosa trama.

“Sempre fui criada em meio à literatura. Meus pais me proporcionaram contato com o mundo da ficção, então abracei esse contato com força. Aos 5 anos, já redigia pequenos contos no computador do meu pai. Aos 10, tentei escrever um livro pela primeira vez. Aos 13, comecei a postar algumas histórias na internet. E finalmente, aos 14, digitei as primeiras linhas do que viria a ser ‘Érica’. A ideia original do livro surgiu após eu assistir ao filme ‘SALT’, estrelado pela Angelina Jolie. Na mesma tarde, peguei um caderninho e anotei várias ideias, aparentemente sem nexos. Duas noites depois, abri o computador e comecei a escrever. Nos dois anos seguintes, muitos aspectos foram mudados por um motivo ou por outro. O que quis mostrar aos leitores é uma lição que deveria ser óbvia: a guerra não vale a pena.”

Larissa Barros Leal



O REINO DE MIRA

Mateus Lins

SOBRE O AUTOR / Acadêmico do 9º semestre do Curso de Direito da Unifor.

O Reino de Mira traz à tona a história de Mira, uma princesa cheia de responsabilidades que vive em um castelo cercado por um magnífico e pacífico reino. Entretanto, os tempos trazem surpresas à garota e desafios vão se traçando para ela e seu melhor amigo, Pedro. A chegada inesperada de uma nova personagem muda todo o rumo da história e obriga Mira e Pedro a embarcarem na maior aventura de suas vidas. Uma jornada mágica, onde o impossível se torna possível, mistérios vivem promissora e o destino é cada vez mais incerto.

SAIA DO QUADRO

VISITE A EXPOSIÇÃO COLEÇÃO AIRTON QUEIROZ FORTALEZA | CE

Os maiores nomes da arte brasileira e mundial. 500 anos de história da arte em 251 obras.

Entrada gratuita
Visita guiada
Amplo estacionamento

terça a sexta, 9h às 19h
sábados, 10h às 18h
domingos, 12h às 18h

ESPAÇO CULTURAL UNIFOR
Campus da Universidade de Fortaleza
www.unifor.br
Informações: 85 3477.3319



PATRIMÔNIO
TURÍSTICO DE
FORTALEZA

produção executiva

P Cultural
PINAKOTHEKE

realização



PRATELEIRA

A VOZ DA PROFESSORA NA INTEGRALIDADE EM SAÚDE

Christina Cesar Praça Brasil
e Raimunda Magalhães da Silva

SOBRE O AUTOR / Docentes ligadas à área de Fonoaudiologia da Universidade de Fortaleza. Lecionam no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, no qual se insere a linha de pesquisa em Políticas e Práticas na Promoção da Saúde.

A obra está ancorada nas áreas de Saúde Coletiva e Fonoaudiologia, tendo sido concebida atrelada à linha de pesquisa Políticas e Práticas na Promoção da Saúde, do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade de Fortaleza, tendo como área de concentração a Promoção da Saúde. A partir dos seus desdobramentos, emergiram o aplicativo VoiceGuard, o qual foi contemplado pela Fundação Clinton (Clinton Global Initiative University – 2016) como projeto capaz de transformar a realidade e melhorar as ações de promoção da saúde vocal dos professores; e o projeto de inclusão de disciplinas sobre saúde vocal nos fluxogramas de cursos de Letras e Pedagogia de universidades públicas, visando a instrumentalizar os professores para o uso saudável da voz.

“Eu diria que a literatura é a engrenagem que me impulsiona a respirar. Ela faz parte de mim, do que eu sou e do que eu vivo. Desde sempre fui criado junto de livros, colocado pra dormir na companhia de boas histórias e, ao longo de minha infância, instigado a recriar as narrativas com as quais eu tinha contato, fossem elas originárias de livros, filmes ou jogos de videogame. No livro há muitas mensagens. Dentre as mais fortes, cita-se a amizade, a esperança e o companheirismo. Mas além destas, creio que há uma que vai além: sonhar. Acredito que no livro está viva a mensagem de que qualquer sonho pode se tornar possível a partir do momento em que desejamos acreditar nele, pois é preciso primeiro acreditar para que se comece a correr atrás e, somente após dado o primeiro passo, o sonho pode se tornar mais concreto.”
Mateus Lins




“A leitura, seja ela científica ou não, é para mim fonte de inspiração e cultura. É uma forma de ampliar conhecimentos e visões. O livro ‘A voz da professora na integralidade em saúde’ surgiu a partir de uma pesquisa que objetivou detectar os sentidos, as ações e as interpretações das professoras sobre saúde vocal; identificando os fatores de risco e a ocorrência de distúrbios; além dos impactos físicos, emocionais, sociais e profissionais decorrentes das alterações vocais em professoras. Também buscou-se conhecer as estratégias de cuidado com a voz e o enfrentamento utilizados por essas mulheres para a manutenção da atividade docente, identificando as dificuldades cotidianas das professoras com alterações vocais, as suas necessidades e possibilidades para melhorar as condições de utilização da voz no trabalho e na vida cotidiana”
Christina Praça U

RAQUEL MORANO

FORMADA EM ARQUITETURA E URBANISMO, RAQUEL ACREDITA NO ENVOLVIMENTO COLETIVO COMO FORMA DE APROXIMAR PESSOAS E CONECTÁ-LAS COM A CIDADE.

Abraço acolhe, estabelece uma ligação: abraço transforma. Abraçar a cidade de Fortaleza para torná-la mais gentil e acolhedora, criar um sentimento de apropriação dos moradores é o desejo da arquiteta e urbanista Raquel Morano. Formada em 2013 pela Unifor, ela é uma das fundadoras do Coletivo A-Braço, que realiza intervenções em espaços degradados da cidade. “Não é fácil intervir na vida e no espaço das pessoas, mas a única coisa que queremos é melhorar a relação delas com a cidade.” Essa iniciativa foi reflexo de um caminho trilhado desde a Universidade. Em 2010, Raquel foi vencedora do programa A Gente Transforma, com o arquiteto Marcelo Rosenbaum. Na ocasião, com a ajuda de amigas, desenvolveu uma semana de atividades junto à Comunidade Sossego: construção de playground, pintura de bancos, plantação de árvores, oficinas. A premiação: uma viagem para São Paulo.

“Fomos eu e mais seis alunos da Unifor. Ficamos tão encantadas com o A Gente Transforma que desenvolvemos – com a ideia da Débora Corrêa e da Bárbara Gonçalves – o Onda do Bem, baseado na mesma proposta: levar qualidade de vida para a Comunidade do Titanzinho”. O Onda do Bem ganhou o prêmio Gentileza Urbana de 2011.

Depois de formada, Raquel continuou a acreditar na potência do envolvimento coletivo como motor transformador da realidade. “A gentileza com as pessoas, um sorriso, um toque, um cuidado, faz muita diferença. Sei que não podemos ir diretamente na causa da pobreza e da desigualdade social, mas se conseguirmos melhorar minimamente a qualidade do espaço em que as pessoas vivem e a que têm direito, seja com mais locais de lazer, serviços de coleta de lixo, ou até quebrar preconceitos, já será uma vitória. Esses projetos me tornaram mais humana. Ensinaram-me a olhar verdadeiramente para o outro: sem preconceito, sem julgamento, sem medo”. 



JOSÉ OTÁVIO
ARQUITETO E URBANISTA. FUNDOU COM A RAQUEL O COLETIVO A-BRAÇO.

Conheci a Raquel na pós que fizemos na Unifor. A partir de um congresso, instituímos uma parceria com outras amigas para realizarmos ações cidadãs e de qualificação de espaços públicos dentro do Coletivo A-Braço. Assim, pude conviver mais e perceber melhor a pessoa criativa, tranquila e bem direcionada que a Raquel é.

Fotos: Ares Soares (Alana Aragão, Carla Camília) / Arquivo pessoal (Raquel Morano, Marina Rolim, José Otávio, Bárbara Gonçalves)



MARINA ROLIM
ARQUITETA E URBANISTA, DESIGNER GRÁFICO E SÓCIA DA RAQUEL NA CAJUEIRO DESIGN.

A 'Quel' é uma profissional exemplar, dedicada, inteligente e muito acessível a todos os amigos. Após a faculdade estávamos cada uma seguindo o seu caminho e, de repente, nos encontramos vivendo a mesma situação, buscando algo em comum, que hoje é a Cajueiro, uma parceria de perseverança e muito amor.



ALANA ARAGÃO
ESTUDANTE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIFOR. FUNDOU COM A RAQUEL O COLETIVO A-BRAÇO.

A simplicidade e a garra que ela tem em seguir os seus sonhos são as características que mais admiro. Identifico-me muito com o tipo de rotina que ela optou por seguir, envolvendo-se em vários projetos simultaneamente. Nela, a curiosidade está sempre pulsante, afim de contribuir com a realidade do próximo, não se limitando à teoria.



CARLA CAMILA GIRÃO
COORDENADORA DO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIFOR.

A Raquel era daquelas alunas de olhos arregalados durante a aula. Questionava-me pouco na frente dos colegas. Só percebi depois, com a convivência mais amigável, por meio de um grupo de pesquisa, seu espírito criativo e desafiador. Acompanhei suas ideias e conquistas, o que me deixa sempre orgulhosa da agora amiga Raquel.



BÁRBARA GONÇALVES
ARQUITETA, ARTISTA PLÁSTICA E IDEALIZADORA, COM A RAQUEL, DO ONDA DO BEM, INICIATIVA VENCEDORA DO PRÊMIO GENTILEZA URBANA EM 2011.

Participamos do projeto A Gente Transforma. Foi um momento único de aprendizado e muita emoção. Ali, a gente se identificou como pessoas que buscam uma arquitetura mais humana e para todos. Hoje, temos uma relação de amizade e parceria, sempre ajudando, opinando e dando ideias para evoluir pessoal e profissionalmente.



IDAS E VINDAS

APRENDER É O VERBO MAIS ARTICULADO POR ESSES DOIS ESTUDANTES, QUE VIVENCIAM REALIDADES DISTINTAS, LONGE DE CASA.

A estudante argentina Valentina Rossi passa um semestre na Unifor.



O brasileiro Haniel Cavalcante, próximo às chamadas Casas Cubo de Rotterdam. Ele fica um semestre na cidade.

NOME / Valentina Rossi

IDADE / 22 anos

LOCAL DE ORIGEM / Rosario, Santa Fe, Argentina

CURSO DE ORIGEM / Nutrição, na Universidad del Centro Educativo Latinoamericano

CURSO QUE FAZ NA UNIFOR / Nutrição

PERÍODO DO INTERCÂMBIO / Agosto a dezembro de 2016

Como tem sido sua experiência como intercambista? Minha experiência tem sido muito boa. Chegar aqui e conhecer coisas novas, coisas que na minha universidade na Argentina não existem, me dá vontade de explorar cada vez mais. Além disso, as pessoas aqui são muito boas, dispostas a ajudar, você se encaixa rapidamente. É preciso um pouco de paciência para entender o que elas falam, também fazer os trabalhos da Universidade em português, mas tenho conseguido. Acho que me adapto bem às mudanças.

Como o intercâmbio vai ajudar sua trajetória acadêmica e profissional? Acho que o intercâmbio vai ajudar

muito na minha carreira, pois tenho a chance de ver a questão da alimentação sob a perspectiva de outra cultura. Vou também poder incluir esta experiência em meu currículo quando for a hora de buscar um trabalho.

Quais suas expectativas? Minhas maiores expectativas são aprender o máximo que eu puder de português e sobre os hábitos alimentares daqui. Quero me sair bem nas matérias para ser aprovada e, principalmente, crescer em um nível pessoal, ter mais confiança em mim, ser mais independente. Quero fazer amigos, visitar muitos locais e conhecer bastante da cultura do Brasil.

Fotos: Ares Soares (Valentina Rossi) / Arquivo pessoal (Haniel Cavalcante)

NOME / Haniel Gomes Cavalcante

IDADE / 21 anos

LOCAL DE ORIGEM / Rotterdam, Holanda

CURSO QUE FAZ NA UNIFOR / Ciência da Computação


CURSO QUE FAZ NO INTERCÂMBIO / Data Science e Big Data, na Hogeschool Rotterdam


PERÍODO DO INTERCÂMBIO / Setembro de 2016 a fevereiro de 2017

Como tem sido sua experiência como intercambista? Minha experiência aqui tem sido incrível! Tenho que admitir que nem tudo é fácil, mas realmente vale a pena. É algo que definitivamente recomendo, pois nos dá a oportunidade de crescer e amadurecer em vários sentidos

Como o intercâmbio vai ajudar sua trajetória acadêmica e profissional? Além de aproveitar os estudos, acredito que o fato de ter passado um tempo no exterior trará mais credibilidade a mim e às minhas habilidades na hora de procurar um emprego.

Quais suas expectativas? Espero fazer vários amigos, melhorar minhas habili-

dades na área da Computação, adquirir mais independência e experiência de vida e, por fim, melhorar meus idiomas estrangeiros e aprender mais sobre a cultura local. 

 **A Unifor possui convênio de mobilidade estudantil com 93 universidades ao redor do mundo e oferece aos seus alunos os programas de Intercâmbio Acadêmico e o de Dupla Titulação Acadêmica. Saiba mais através do telefone 3477.3127 ou pelo e-mail international@unifor.br.**



“Os nossos locais favoritos são o Centro de Convivência e aos arredores dele. É um ambiente mais livre, que propicia uma maior relação com os outros alunos. Geralmente a gente está aqui sentado, lanchando, e vê pessoas conhecidas. É bem agradável, assim como a Unifor por completo.”

PRISCILA INGRID, 23 ANOS, E JÉSSICA DAYANNIE, 22 ANOS, ALUNAS DE DIREITO



“No intervalo, a gente sempre se encontra com os amigos, porque nem sempre fazemos as mesmas disciplinas juntos. Aproveitamos para vir para o Centro de Convivência nos encontrar, matar a saudade, falar sobre as disciplinas, o semestre, a vida.”

BÁRBARA CAVALCANTE, 23 ANOS, ALUNA DE ENFERMAGEM

O QUE VOCÊ GOSTA DE FAZER NO INTERVALO?



“Eu gosto de ficar conversando com meus amigos ou lendo alguma coisa. Gosto de livros de romance, mas quando está mais próximo do período de provas, acabo estudando mesmo. O intervalo serve para descansar a mente e mudar um pouco o foco dos estudos.”

MARINA PINTO ROCHA, 18 ANOS, ALUNA DE DIREITO

Fotos: Ares Soares, Bruno Bressam, (Marina Pinto Rocha, Eugénia Aguiar, Bárbara Cavalcante, Tainá Castro, Scarlet Ohana)



“Acabamos de sair da aula de Elementos de Composição Tridimensional e aproveitamos para fazer um lanche antes da próxima aula.”

FERNANDA QUEIROZ, 18 ANOS, LÍVIA VIANA, 18 ANOS, E LOUISE IARA, 20 ANOS, ALUNAS DE ARQUITETURA E URBANISMO



“Sempre entre uma aula e outra, eu venho para o Centro de Convivência comer alguma coisa. Quando tenho uma aula mais distante da outra, costumo ir para o lounge da Biblioteca ou do Centro de Convivência para descansar. Nos dias em que estou mais cansada, eu tiro um cochilo.”

TAINÁ CASTRO, 21 ANOS, ALUNA DE ENFERMAGEM



“Todo mês eu venho para as feirinhas que acontecem aqui. Acho interessante porque, às vezes, você tem um bom tempo livre entre as aulas, então dá para aproveitar para ver os produtos.”

VERA RIANNE RODRIGUES, 23 ANOS, ALUNA DE DIREITO



“Nos horários livres, ficamos aqui pela região do bloco D ou pelo Café das Artes, discutindo sobre aulas. Como estudamos Engenharia Ambiental, é sempre bom observar e aproveitar a ornamentação das plantas, que é muito boa, aqui na Unifor.”

BEATRIZ MONTEIRO 21 ANOS, NAYARA PAIVA, 23 ANOS, BRUNA RODRIGUES, 22 ANOS E CIBELE MOREIRA, 23 ANOS, ALUNAS DE ENGENHARIA AMBIENTAL E SANITÁRIA



“Em época de prova, usamos esse tempo para estudar um pouco, se houver trabalho para entregar, dá tempo dar uma olhada final. Gostamos de ficar em cantos mais calmos, com menos barulho, para não abafar a conversa.”

SCARLET OHANA, 23 ANOS, ALUNA DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO



“A melhor coisa do intervalo é conversar com os amigos, parar para comer um pouco e estudar, dependendo do andamento da disciplina. Tem que ter esse tempo livre para você se recuperar e ir para a aula seguinte.”

PEDRO HENRIQUE AGUIAR, 21 ANOS, ALUNO DE ENGENHARIA MECÂNICA



“Geralmente eu passo mais tempo no bloco D. A maioria dos meus amigos faz Engenharia, então ficamos todos por lá, passando o tempo. Acho que o tempo é suficiente. Às vezes, o deslocamento entre um bloco e outro toma um pouco de tempo do intervalo, mas ainda dá para descansar.”

JÁDER VIEIRA LOIOLA, 25 ANOS, ALUNO DE ENGENHARIA CIVIL



“Eu gosto muito de vir para o lounge do Centro de Convivência, porque o celular descarrega muito rápido e a gente precisa se comunicar, para fazer os trabalhos, então uso as tomadas. Adoro o ambiente da Unifor porque acho tudo muito aberto, ventilado, confortável, e em qualquer canto você pode sentar e estudar.”

MARIA CAROLINA FERREIRA, 18 ANOS, ALUNA DE PSICOLOGIA



Em Quintay, praia a uma hora e meia de Santiago.

SEMPRE UNIFOR

JORNADA LATINA

JORNALISTA CEARENSE EM TERRAS CHILENAS, **MARIANA PENAFORTE** É EGRESSA DA UNIFOR E TRABALHA EM UM DOS MAIORES JORNAIS DAQUELE PAÍS. APÓS SE FORMAR NA UNIVERSIDADE, ELA VIAJOU PARA FAZER MESTRADO NO CHILE E, DESDE ENTÃO, GALGOU DEGRAUS DENTRO DO JORNALISMO ECONÔMICO.

TEXTO / SABRINA ROLIM

Morar em uma cidade diferente da sua é sempre um desafio, e quando ela fica em outro país, então, eles se multiplicam. Mas para Mariana Penaforte, 27 anos, fazer seu mestrado fora do Brasil era uma prioridade. Quando se formou como jornalista na Unifor, ela já tinha em mente a área que seguiria com afinco, que, junto com o jornalismo impresso, era sua paixão: a Economia. Hoje, Mariana trabalha no El Mercurio, um dos maiores jornais do Chile e de visível relevância na América Latina. Entretanto, a cearense precisou percorrer algumas trilhas para chegar até onde está agora.

Nascida em 1989, Mariana passou toda a infância em Fortaleza. Seus pais, ambos acadêmicos e professores universitários, viriam a influenciar sua decisão de partir em busca do mestrado anos mais tarde. Mas quando foi prestar vestibular, a jovem Mariana estava balanceada entre Psicologia e Jornalismo. Fez as provas para duas universidades, mas acabou optando por Jornalismo na Unifor. “Fiz alguns testes vocacionais e também gostava de ler bastante. Escolhi o curso porque me identificava bastante com a área”, explica ela.

Durante o curso, Mariana conta que se apaixonou pela profissão. Para ela, seu período acadêmico foi uma oportunidade de aproveitar tudo que a Unifor oferecia de melhor, além de levar muito a sério sua formação profissional. “Foi um excelente curso. Aproveitei bem a tarefa acadêmica, procurei ir a todas as aulas, conseguir as melhores notas, aprender com os melhores professores”, afirma. Ela ainda acrescenta que a qualidade da instituição e sua vontade de aproveitá-la ao máximo foram essenciais para seu sucesso hoje como jornalista.

Para a jornalista, foram decisivas as oportunidades que ela teve durante o curso. Em 2009, por exemplo, ela ganhou uma bolsa para estudar na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) por um semestre. “Esse programa de estudos veio de uma parceria entre a Unifor e o Santander”, explica. A partir da experiência, considerada “incrível”, surgiu a ideia de ir para a PUC de Santiago do Chile.

FAZENDO AS MALAS

Quando se formou, em julho de 2011, Mariana já tinha o Chile como destino. Além do desejo de fazer mestrado em Jornalismo Impresso, em Santiago, ela ainda somava motivos pessoais à sua vontade de aprender melhor outra língua e conhecer outra cultura. Com toda a documentação pronta, Mariana fez as malas e chegou ao Chile ainda em julho de 2011, iniciando sua pós-graduação em janeiro de 2012. “O mais difícil foi o clima”, conta Mariana sobre seu período de adaptação ao Chile. Para quem pas-



PELO CHILE

ROTEIROS DE VIAGEM

HÁ QUATRO ANOS VIVENDO NO CHILE, A JORNALISTA MARIANA PENAFORTE REUNIU ALGUMAS DICAS PARA QUEM TEM VONTADE DE CONHECER O PAÍS.

01 Minha primeira sugestão é a comuna Valparaíso, localizada a 117 km de Santiago. Declarada Patrimônio Cultural da Humanidade pela Unesco em 2003, a cidade portuária é recomendada pelos seus cerros, morros que se espalham por 402 km².

VFoto: Gord McKenna

02 Para os mais aventureiros, Mariana indica acampar e fazer um *trekking* para conhecer o Parque Nacional Torres del Paine, no extremo sul da Patagônia. Declarado Reserva da Biosfera pela Unesco em 1978, possui 2.400 km² e abriga a cadeia montanhosa Del Paine, além de lagos, rios, cascatas, geleiras e paisagens naturais incríveis.

Foto: Claudio Sepúlveda Geoffroy

03 No norte do país, o deserto de Atacama é outra dica de viagem. Considerado o deserto mais alto e mais árido do mundo, a região possui diversos pontos turísticos como gêiseres, lagoas coloridas, vulcões e cânions de água cristalina, além do exuberante deserto de sal.

Foto: PROBRJ INC.



No Passeo Bulnes com o Palácio La Mónica.

sou a vida inteira no calor de Fortaleza, lidar com o inverno de 0° C graus foi complicado no começo. “As estações do ano são bem marcadas aqui, então a variação do clima foi o principal desafio, mas, com o passar do tempo, você acaba se adaptando e aproveitando. Ela também diz que uma grande diferença entre o Brasil e o Chile é o posicionamento da sociedade. “A sociedade é mais conservadora, formal, marcada pela ditadura chilena. Mas nos últimos anos muitas coisas vêm mudando. A lei do divórcio foi aprovada em 2006 e homens e mulheres deixaram de votar em locais separados há pouco tempo”, explica a jornalista. Ela ainda fala que um ponto muito positivo do país é a segurança: “Você pode andar na rua à noite, voltar a pé para casa. Santiago é uma cidade muito segura, não existe essa violência tão crua que se vive no Brasil”. Foi a partir de um convênio da PUC de Santiago com um jornal local que ela

“SOU MUITO REALIZADA PROFISSIONALMENTE E AGRADEÇO ISSO AO PAÍS QUE ME ACOLHEU, ÀS PESSOAS E À EMPRESA.”

começou a trabalhar no El Mercurio, um dos maiores veículos de comunicação impressa do país. Contratada em 2013 para a editoria de Economia e Negócios, Mariana aproveitou as oportunidades de crescer dentro do seu ramo. Uma das coberturas que mais se orgulha de ter feito é a realizada por conta da série de reformas tributárias que a então reeleita presidente Michelle Bachelet iniciou desde março de 2014. Outras pautas como o Chile Day 2015 em Londres, reunião entre a iniciativa pública e o ramo empresarial com o objetivo de promover investimento dos mercados estrangeiros no Chile, além de uma entrevista com o conceituado economista Nouriel Roubini, fazem parte do trabalho de Mariana. Viver no Chile ajudou Mariana a compreender melhor as complexidades da América Latina e a lidar com sua diversidade de culturas. Realizada profissionalmente, a jornalista não tem planos de voltar a morar no Brasil. **U**

Fotos: Arquivo pessoal



01



02



03

01 / As estações climáticas são bem demarcadas no Chile.

Na foto, o outono em Santiago cobre a rua de folhas secas.

02 / Mariana Penaforte diz estar feliz com sua experiência pessoal e profissional no Chile. Na foto, ela durante a cobertura de uma pauta.

03 / Durante o Chile Day 2015 em Londres. Na foto, Mariana está com outros jornalistas e o Ministro da Fazenda chileno, Rodrigo Valdés (de óculos, na ponta esquerda da foto).

JORNALISMO

DICAS DE LEITURA

ROTA 66 - A HISTÓRIA DA POLÍCIA QUE MATA POR CACO BARCELLOS



Vencedor do Prêmio Jabuti, na categoria Reportagem, em 1993. Relata uma investigação realizada durante oito anos pelo jornalista sobre o Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (ROTA), unidade especializada da Polícia Militar de São Paulo. O livro denuncia a atuação irregular do ROTA, responsável pela morte de milhares de pessoas, a grande maioria inocente. Como rigoroso processo de investigação jornalística, a obra desmonta as origens, os métodos e a consciência desse sistema brutal, além de assumir-se como símbolo de uma grave denúncia social.

ABUSADO - O DONO DO MORRO DONA MARTA POR CACO BARCELLOS



Abusado é um livro reportagem que conta a lógica e o *modus operandi* das corporações criminosas que comandam o Estado do Rio de Janeiro, através da história de “Juliano VP”, nome fictício do traficante Márcio Amaro de Oliveira, criado no Morro Dona Marta. Caco Barcellos traça um retrato da ocupação do morro pelo Comando Vermelho e da implantação do seu sistema de atuação. Mais do que sobre a história do tráfico, a obra narra a trajetória de um ser humano amado pelos conhecidos e que adentrou o mundo do crime.

A SANGUE FRIO POR TRUMAN CAPOTE



Publicado em 1966, A Sangue Frio relata a história do brutal assassinato da família Clutter e de seus executores, Richard Hickock e Perry Smith. Capote mescla meses de investigação factual com recursos narrativos de ficção para reconstituir conversas e situações dos envolvidos, criando assim uma obra que seria considerada a pioneira no New Journalism ou Jornalismo Literário. O crime, ocorrido na cidade de Holcomb, no Kansas (EUA), é destrinchado sob a ótica dos assassinos e conhecidos da família Clutter, sendo montado como um romance de não ficção.

VIVA O CANUDO!

DEPOIS DE UM LONGO PERCURSO DENTRO DA UNIVERSIDADE, NADA MAIS MERECIDO QUE UMA GRANDE COMEMORAÇÃO DE VITÓRIA PELO EMPENHO DADO DURANTE TODA A GRADUAÇÃO. A FORMATURA, UM DOS MOMENTOS MAIS ESPERADOS PELOS ESTUDANTES, É MUITAS VEZES PLANEJADA COM MESES E ATÉ ANOS DE ANTECEDÊNCIA. ORÇAMENTOS, ROUPAS, BANDAS, COMIDA, CONVITES OU ATÉ MESMO PASSAGENS E ROTEIROS DE VIAGEM: TUDO É VÁLIDO PARA QUEM QUER FESTEJAR SUA CONQUISTA ACADÊMICA E BRINDAR O INÍCIO DA VIDA PROFISSIONAL.

TEXTO / SABRINA ROLIM

O ser humano sempre sentiu a necessidade de demarcar passagens de etapas durante a vida, festejando os desafios superados e apresentando-se para um novo momento de sua existência. Ao redor do mundo, em diferentes épocas, dos primórdios da civilização às sociedades mais complexas, dos rituais de passagem aos casamentos, celebrar uma nova fase na vida é um ato sempre presente. As tão tradicionais festas de formatura não fogem à regra.

“É possível afirmar que a participação em formaturas supre uma necessidade de marcar socialmente, de forma material e visível, a passagem desses sujeitos que, a partir de então, serão encarados pela sociedade como profissionais, pessoas capacitadas e detentoras de um diploma”, afirma a antropóloga Érika Meneses.

Depois de um longo percurso na Universidade, as turmas querem marcar o encerramento desse ciclo e muitas escolhem os bailes em *buffets*. Turmas da Medicina, Direito, Enfermagem, Odontologia, Psicologia, Nutrição, por exemplo, tradicionalmente realizam grandes festas, planejadas com muita antecedência. A graduação dura cinco anos, mas há dois a turma de Direito 2016.2 da Unifor organiza a sua. A comissão de formatura, composta por quatro membros, foi responsável por todo o planejamento, negociação e conclusão do sonho de cerca de 150 pessoas.

O rito do grupo vai contar não só com a sessão fotográfica vestindo a beca, mas



PROCURANDO NO MERCADO

Rafael Soares Timbó é gerente comercial de uma empresa de eventos de Fortaleza. Ele é responsável por conversar com a comissão de formatura e fechar contrato com os alunos, além de orientar em diversos âmbitos no processo de organização da festa. “Nós orientamos a comissão a realizar outras atividades para arrecadar dinheiro que não seja do próprio bolso para pagar as parcelas do contrato”, conta.

Cursos de como obter patrocínio

Ele ainda acrescenta que sua empresa oferece à comissão cursos de como obter patrocínio, como realizar rifas, como fazer um Livro de Ouro, disponibiliza o modelo de ofício para patrocínio, além de orientar como a comissão deve se comunicar com os outros formandos.

também com um baile para mais de mil convidados, um café da manhã pós-baile, uma “aula da saudade” formal e outra informal, uma missa católica e um culto evangélico, além da Festa dos Cem Dias, que ocorre cem dias antes do baile. Os participantes podem optar pelo pacote completo ou pelos serviços individualmente, o que influencia diretamente no preço final da festa.

“O baile vai encerrar um ciclo importantíssimo na minha vida, que é a graduação. Será a confirmação de que todo esforço empregado durante cinco anos valeu muito a pena. No baile, vou poder comemorar e dividir minha felicidade com minha família e meus amigos, pessoas que contribuíram para que esse sonho pudesse ser realizado. As expectativas são as melhores possíveis, pois a comissão vem trabalhando arduamente com o intuito de fazer a melhor festa. Espero viver uma noite incrível”, comemora Kesia Amorim, formanda da turma de Direito 2016.2.

Para que uma celebração desse porte vire realidade, é preciso trabalho duro, organização e paciência para conseguir driblar os contratemplos que surgem durante o planejamento. Assis Bonfim, 23 anos, um dos membros da comissão de formatura, acredita que o maior desafio é alcançar todos os alunos. “As turmas de Direito são muito grandes e não são ‘fechadas’ desde o primeiro semestre. Então tivemos uma grande dificuldade em ‘caçar’ esses formandos que, além de se graduarem, precisavam fechar o contrato da festa”, explica.



A decoração das festas é muito importante no planejamento e ambientação da festa. É um aspecto crucial não só para a temática do baile, mas também para decisões de orçamento, além de variar de acordo com as preferências de estilo da turma.



Além de festejar, o baile também é um momento de homenagens. Muitos dos recém-formados discursam em agradecimento aos amigos, familiares e professores que participaram de suas jornadas pela universidade.

Fotos: Estúdio Kett Design, Ares Soares (Rafael Soares Timbó)



Turma de Medicina
Unifor 2017.2

ESTRATÉGIAS

Além de garantir a adesão dos formandos, a comissão de formatura do Direito 2016.2 precisou formular estratégias para obter recursos suficientes para bancar todo o requinte idealizado. Entre estandes de divulgação e reuniões para definir ações, o que fez a diferença para os organizadores foi uma poderosa ferramenta de visibilidade: as redes sociais.

Foi por causa das redes sociais que a turma conseguiu parcerias com empresas, sua principal fonte de apoio para a realização das festas. Lojas e marcas apoiaram o projeto por conhecerem o alcance midiático da comissão e ofereceram patrocínio em troca de divulgação. Isso sem contar com as cortesias cedidas para a rea-



A festa de formatura é o ramo mais barato do mercado de eventos.



A Aula da Saudade não é o evento que mais movimentou dinheiro, mas foi o que se manteve sem grandes oscilações de procura na última década.



O baile e a missa foram os eventos que mais caíram na procura dentro do ramo.



Uma média de 600 pessoas participam de um baile de 20 formandos.

lização de rifas, que foi a principal arma de arrecadação. “Vendemos muitas rifas, e quanto mais vendíamos, mais isso significava poder pagar por uma hora a mais no *buffet*, contratar duas bandas e um DJ para a festa, realizar uma missa e um culto”, conta Odínésio Arruda, 24 anos, também da comissão.

O formando conta que o respaldo que começaram a construir há dois anos como comissão de formatura só fez surgir cada vez mais oportunidades. Quanto mais trabalhavam e elaboravam a formatura, mais facilidade tinham de fechar novas parcerias com outras empresas. Assim, o sonho de ter uma grande festa que fosse destaque entre as turmas de Direito da Unifor foi se tornando cada vez mais real.



Turma de
Enfermagem 2016.1

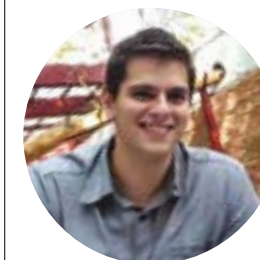


A festa de formatura é mais que uma simples festa. O baile é a concretização de anos de suor e paixão, que exigiram renúncias e dedicação, mas que também trouxeram amizades, experiências e momentos felizes. Mais que um evento comum, é a oportunidade de ver tudo isso junto em um único lugar.



Atrações musicais sempre marcam presença e vão desde bandas tradicionais a DJs e algumas celebridades.

Fotos: Estúdio Kett Design.



“NOS DIAS QUE ANTECEDERAM A FESTA

eu estava um pouco nervoso porque eu sabia que, depois daquilo, o período acadêmico acabaria. Eu deixaria de vez de ser um estudante e ia me tornar, enfim, um médico. Mas no dia do baile eu estava muito feliz. Feliz de ter completado o curso, de ter tido um bom aproveitamento, de estar com minha família, de estar com meus amigos, que viveram toda aquela trajetória comigo. Todos estavam felizes, aproveitando. Foi uma noite maravilhosa e inesquecível que valeu cada centavo que pagamos, que trabalhamos e nos esforçamos. Vou levar para o resto da vida.”

Bruno Diógenes Iepsen, formado na turma Medicina Unifor 2015.2.

FAÇA SUA FESTA!

PARA A COMEMORAÇÃO CABER NO BOLSO E ATENDER AOS DESEJOS DE TODOS, UM BOM PLANEJAMENTO É FUNDAMENTAL.

1 PRIMEIRA MISSÃO

O passo inicial é montar uma comissão com a tarefa de representar os interesses da turma e fazer a ponte entre as empresas e os formandos.

2 PESQUISA

Antes de fechar contrato, é importante pesquisar o mercado e analisar a reputação da empresa de cerimonial; buscar referências entre pessoas conhecidas sobre a empresa que está sendo verificada.

3 TEMPO É OURO

O principal requisito para o sucesso da formatura é a antecipação. O tempo deverá ser suficiente para pesquisar, discutir, planejar. Quanto mais cedo o contrato é fechado, mais barato sai o serviço. O ideal para começar a organizar a festa é cerca de dois anos antes da colação.

4 REUNIR PARA CONQUISTAR

A comissão precisa se reunir, não só com os formandos, mas também com o cerimonial para acompanhar o trabalho. A presença ativa evita imprevistos e garante o baile com a cara da turma.

5 JUNTANDO AS MOEDAS

Apesar de o valor final da formatura ser dividido entre os formandos, as parcelas ainda são altas. Possibilidades criativas para arrecadação de dinheiro para o evento, como patrocínios, vender doces, trocar divulgação por produtos de sorteios são alternativas para diminuir a fatura.



“ESTAR NA COMISSÃO É TRABALHO. NÃO GANHAMOS NADA POR ISSO, NÓS PAGAMOS AS PARCELAS DA FESTA COMO TODOS OS OUTROS FORMANDOS PAGAM.

Organizar a formatura é um sonho sonhado junto. Acredito que o nosso diferencial, o que fez as coisas darem certo, foi o respeito às diferenças e divergências de pensamentos. Alinhar pessoas diferentes, com projetos e pensamentos diferentes, foi um desafio que valeu a pena e que fez o planejamento funcionar. Terminamos a comissão com o encerramento da formatura, mas as pessoas são para a vida”.

Patrícia Viana, membro da comissão de formatura Direito Unifor 2016.2.

**E SE EU NÃO QUISER FESTA?**

Nem todo mundo, contudo, compartilha do sonho de um baile de formatura tradicional. Viajar, por exemplo, é uma das alternativas mais escolhidas por quem quer festejar o diploma e marcar a nova fase da vida, mas não se identifica com uma cerimônia. Quem opta por esse tipo de celebração conta que, além de conhecer novos lugares, a viagem permite um grande fortalecimento de vínculos, entre outras vantagens.

Foi o caso de Elódia Guerra, 24 anos, que se formou na turma de Publicidade e Propaganda 2014.2, da Unifor. Ela e sua turma viajaram para Gramado, no Rio Grande do Sul. Não só festejaram o canudo, como também participaram do Festival de Publicidade de Gramado. “Eu organizei tudo, fui a ‘agência de turismo’. Pesquisei preço de hotel, enviei e-mails para várias pousadas e companhias aéreas, contratei uma van para o traslado do aeroporto ao hotel”, lembra Elódia.

O grupo de 20 pessoas ficou em Gramado por uma semana e fez um roteiro intenso de restaurantes, bares e festas, além do Festival. Elódia diz que todos adoraram a viagem, que proporcionou momentos incríveis e ótimas lembranças, mas também trouxe outras recompensas para a turma. “Havia pessoas que antes não tinham tanto contato, e depois da viagem, ficaram superenturmadas. Você fica mais unido com sua turma, além de ter recordações, fotos e de conhecer novas culturas”, explica.



Fotos: Ares Soares (Patrícia Viana) / 01, 02; Arquivo pessoal de Elódia Guerra / 03; Arquivo pessoal de Janine Nogueira

Mesmo com a opção de viajar em turma, há quem prefira celebrar do seu jeito. Janine Nogueira tinha vontade de voltar a Nova York e viu na sua formatura a chance para concretizar o desejo. Graduada em Jornalismo pela Unifor, ela viajou com sua mãe para os Estados Unidos pouco antes de concluir o curso. “Eu sempre deixei claro que eu queria muito viajar e que queria ir antes de começar o Trabalho de Conclusão de Curso porque acreditava que fosse uma maneira de espairer, abrir bastante minha cabeça e começar a elaboração do TCC com o pé direito”, explica Janine.

01 / Elódia (segunda pessoa da direita para a esquerda no canto superior direito, sem óculos) e seus amigos em uma parada de Gramado esperando o ônibus para visitar Canela, cidade vizinha.

02 / Parte da viagem foi um tour gastronômico por restaurantes e bares da serra gaúcha. Na foto, o grupo posa em uma chocolateria de Canela.

03 / Janine posa ao lado de um grafite em homenagem a Joe Strummer, vocalista do The Clash. Ela utilizou como frase inicial de sua monografia uma citação do cantor.

A escolha do destino de viagem estava diretamente ligada à sua monografia, em que Janine abordou como tema a crítica musical, destacando Clement Greenberg, um dos principais críticos de arte que atuou em Nova York. Ela já havia ido à Big Apple porque tem familiares na cidade, o que barateou os custos da viagem. “Eu super-recomendo que as pessoas viajem. Festas são legais, marcam as pessoas, mas eu acho que, na viagem, você tem vários dias para aproveitar e ela lhe permite conhecer muita coisa nova.”

LILIA SCHWARCZ

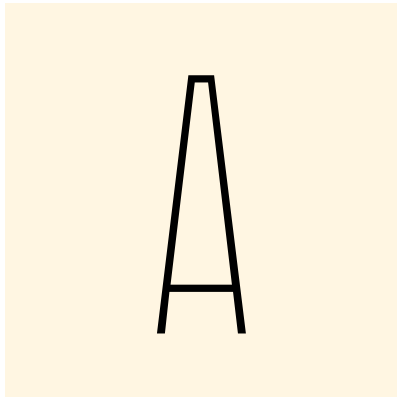
A OUTRA HISTÓRIA DO BRASIL

A HISTÓRIA DO BRASIL TODOS NÓS JÁ SABEMOS DE COR E SALTEADO, INCLUINDO DATAS, FATOS E PERSONAGENS. CORRETO? ERRADO! PELO MENOS É A CONCLUSÃO A QUE CHEGAMOS AO LERMOS O LIVRO *BRASIL: UMA BIOGRAFIA*, DE LILIA SCHWARCZ E HELOISA STARLING, LANÇADO EM 2015 PELA COMPANHIA DAS LETRAS.

TEXTO / LUIZ CARLOS DE CARVALHO E NATASHA BRAND

FOTOS / ARES SOARES





Aliando texto acessível e agradável, vasta documentação original e rica iconografia, Lília e Heloisa propõem uma nova (e pouco convencional) história do Brasil. Nessa travessia de mais de quinhentos anos, se debruçam não somente sobre a “grande história”, mas também sobre o cotidiano, a expressão artística e a cultura, as minorias, os ciclos econômicos e os conflitos sociais (muitas vezes subvertendo as datas e os eventos consagrados pela tradição).

No fundo da cena, mantêm ainda diálogo constante com aqueles autores que, antes delas, se lançaram na difícil empreitada de tentar interpretar ou, pelo menos, entender o Brasil. A história que surge dessas páginas é a de um longo processo de embates e avanços sociais inconclusos, em que a construção falhada da cidadania, a herança contraditória da mestiçagem e a violência aparecem como traços persistentes.

Em entrevista exclusiva, Lília Schwarcz, que esteve na Unifor em outubro último, aborda esses e outros temas, e lança luzes não apenas sobre assuntos como a escravidão, mas também sobre fatos mais recentes, como o sistema de cotas nas universidades, as manifestações de 2013 e o papel da mídia na história brasileira.

De que trata o livro *Brasil: Uma Biografia*? A História do Brasil é feita de mudança e de muita reiteração, de

muitos fatos que se repetem. No livro, chamamos a atenção para a questão racial, porque a linguagem da escravidão entrou desde cedo no Brasil, tendo sido responsável pela maior diáspora africana. Nós recebemos 40% da população de africanos que saíram do continente e a escravidão ficou totalmente dispersa no País. Não há lugar sem escravos no Brasil. E isso criou uma linguagem de que nós temos as consequências agora: a maneira como entendemos a situação do negro no país. Uma outra questão forte que tratamos no livro é o bovarismo, que é essa forma como os brasileiros se entendem algo diferente do que são. E a terceira questão - que é muito forte - é o patrimonialismo. No Brasil, nós inflacionamos a esfera privada em detrimento da pública. São três aspectos que nós tratamos com muita força no livro.



No Brasil, o racismo é tão presente quanto escondido. Por quê? O racismo está ficando mais aparente desde o final dos anos 1980. Na minha opinião, a única forma de combater esse racismo silencioso, que ainda existe no Brasil, é falando dele, e denunciando. Pegue-se o exemplo do sistema de cotas. Nós encontramos muita resistência porque, enfim, é a mesma resistência que a gente encontra de falar do nosso passado escravocrata. O que aconteceu no Brasil foi uma desigualdade muito grande e nós temos que lidar com ela. Então, eu penso que o sistema de cotas é um sistema provisório, em que precisamos provisoriamente desigualar para depois igualar. Eu sou a favor do sistema de cotas por conta dessa dívida que nós temos com o nosso passado, mas eu também sou a favor por conta de uma ação positiva, porque a introdução de

“A GENTE TENTA TRANSFORMAR UMA QUESTÃO HISTÓRICA EM UMA QUESTÃO DE NATUREZA QUASE BIOLÓGICA. E NÃO TEM NADA DE NATUREZA. É UMA QUESTÃO EMINENTEMENTE HISTÓRICA E CULTURAL.”

cidadãos brasileiros tão diferentes só pode ser benéfica, porque a pluralidade e a diferença só nos ajudam.

O brasileiro tem fama de ser um povo apático. Até que ponto isso é verdade? No livro, a gente destaca muito essa questão. Muito diferente do que diz a nossa mitologia nacional, segundo a qual o brasileiro não só é um povo passivo como pacífico, esse é um povo que não pode ser pacífico, porque, primeiro foi pautado num sistema que pressupõe a posse de um homem sobre outro homem. Ou seja: você só pode ter a posse de um homem sobre o outro à base de muita violência. E foi isso o que aconteceu, desde o primeiro momento que aconteceu a escravidão, das violências individuais às coletivas. E também não foi pacífico, porque foi um país criado à base das desigualdades nas grandes propriedades. E nós



sabemos que as desigualdades geram violência. Nós também sempre nos reportamos ao fato de termos tido apenas uma guerra internacional, no caso, a Guerra do Paraguai, de 1865 a 1870, mas guerra existiu o tempo todo na história brasileira. Foram pequenas rebeliões, pequenas guerras, pequenas lutas. Impressionante como o brasileiro gosta de colocar para si mesmo essa história de que é um povo pacífico!

No livro e em suas palestras, você utiliza a expressão “escravizado” em detrimento de “escravo”. Por quê? Para mim, essa distinção é uma questão política da maior relevância. Na minha visão, junto com a política de cotas, tem que vir uma política de educação, de afirmação positiva. Eu sempre chamo a atenção para o que passa pela cabeça de uma criança negra quando ela fica imaginando que no passado ela foi escrava. Então, eu destaco muito que no passado ninguém foi escravo. Eu ressalto que no passado as pessoas foram nagôs, jejes, guinês, moçambiques. Eu uso então a

“DIVIDIMOS O MUNDO EM DIREITA E ESQUERDA, COMO SE O MUNDO FOSSE DIVISÍVEL ASSIM. COMO SE PUDÉSSEMOS DIVIDIR O MUNDO EM BRANCO E PRETO. ELE É MUITO MAIS COMPLEXO. ELE TEM MUITO MAIS TONS NESSA NOSSA PALHETA SOCIAL E CULTURAL.”

palavra “escravizado”, porque foi isso que aconteceu com essas pessoas. Ou seja: foram forçadas a atuarem dessa forma, foi uma circunstância histórica, não é a origem delas.

A sociedade brasileira também tem resistência em discutir de forma aberta a questão de gênero no País. Por quê? Eu acredito que toda sociedade é condicionada por uma série de marcadores sociais, que são construídos pela sociedade. São construções históricas e políticas e elas agem muitas vezes conjuntamente e em relação. Esses marcadores são raças, etnias, gênero, sexualidade, região, geração. E respondendo mais diretamente a sua pergunta, o Brasil foi um país feito na base de desigualdade de gênero também. Vieram muito mais escravizados homens do que mulheres. A proporção é de 70% de homens e 30% de mulheres. E os senhores brancos também eram maioria. Essa desproporção de gênero logo produziu essa cultura igualmente violenta e que agora nós estamos cha-

mando de “cultura do estupro”. E, ao mesmo tempo, condicionou uma outra linguagem que é a linguagem do gênero. Ou seja: os homens é que mandam, os homens é que dominam. No Brasil, as mulheres votaram muito tarde. A educação foi lhes facultada também muito tarde neste País. Há, portanto, uma desigualdade muito clara, desigualdade que é histórica. E, assim como na questão racial, nós também precisamos lidar com essa desigualdade de gênero.

Você citou entre os marcadores sociais a questão regional. O Nordeste brasileiro se enquadraria então nessa sua análise de desigualdades históricas?

A questão de região é um marcador social forte sim. O Nordeste foi, durante muito tempo, uma região de muita evidência, de muita importância, sobretudo com a cana-de-açúcar. Veja que a capital do Brasil ficava em Salvador até 1763! No entanto, o Nordeste vai perdendo sua pujança principalmente com a entrada do café na lógica econômica do País, na passagem do século 19 para o século 20. Isso gerou uma mudança de eixo econômico para a região Sudeste, e gerou também políticas que vão resultar em mais escolas, universidades, indústrias nessa parte do Brasil. Essa mudança de eixo gerou também uma discriminação muito grande em relação ao Nordeste, no sentido de vincular a região ao passado escravocrata, o que não é verdade, afinal também tivemos escravizados na região Sudeste, não é verdade? Não é uma questão de natureza, mas é uma questão histórica, social e cultural vincular o Nordeste apenas à agricultura e a região Sudeste à indústria. De novo: essa é uma questão equivocada porque é uma situação histórica. O momento em que o Sudeste vive sua pujança econômica é o momento da entrada da indústria, é o momento do crescimento das cidades. O preconceito em relação ao Nordeste age com a mesma perversão do pre-

conceito em relação à raça e ao gênero. A gente tenta transformar uma questão histórica em uma questão de natureza quase biológica. E não tem nada de natureza. É uma questão eminentemente histórica e cultural.

Na sua visão, como as manifestações de 2013 vão entrar para a história?

De um lado, essas manifestações mostraram para o mundo que o povo brasileiro não tem nada de passivo nem é despolitizado e que quer ficar à frente da política. Para nós, significaram uma reação aos políticos tradicionais, uma reação às formas do Estado. O perigo agora é que a gente deslegitime qualquer forma de participação política e não construa outra em seu lugar. Acho que esse é o nosso desafio atual. Não basta só ir para a rua e reclamar, senão a gente vai virar de novo bovarista. Tem que ir para a rua e atuar também. Não basta reclamar da falta de cidadania do Estado e cada um de nós abrir mão da nossa cidadania. Eu penso que os protestos de 13 começaram dando um banho de democracia. Eu fiquei muito impressionada com a ideia de que o povo estava nas ruas de todo o País e o que tínhamos era um povo muito diversificado. Você se lembra que em 13 havia todo tipo de reivindicação política nas ruas. O que eu lamento muito



LILIA SCHWARCZ

possui graduação em História pela Universidade de São Paulo, mestrado em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas, doutorado em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo.



É PROFESSORA

titular do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo (USP).



FOI PROFESSORA VISITANTE

e pesquisadora nas universidades de Leiden, Oxford, Brown, Columbia.



É GLOBAL SCHOLAR

e professora visitante na Universidade Princeton, nos Estados Unidos.



É AUTORA de *O Espetáculo das Raças* (1993) e *As Barbas do Imperador* (1998), entre outras obras.



TAMBÉM É FUNDADORA

da editora Companhia das Letras.



é que o que estamos vendo agora, em 2016, é muito diferente. Essa mudança já começou a se anunciar nas manifestações de 14, tomando um rumo maior em 15 e agora em 16. Ou seja: nós estamos vivenciando um Brasil muito mais radicalizado, muito mais dicotômico, em que você tem que dividir as manifestações: um dia vai um grupo que é contra alguma coisa e no outro vai o grupo que é favor. Dividimos o mundo em direita e esquerda, como se o mundo fosse divisível assim. Como se pudéssemos dividir o mundo em branco e preto. Ele é muito mais complexo. Ele tem muito mais tons nessa nossa palheta social e cultural. E estamos notando que não é tendência apenas brasileira, mas mundial. O Brasil vai também sofrendo mais por conta da crise econômica que vem desde o ano passado e que aumentou em 16. O que antes era uma manifestação tão plural e inclusiva se transformou por completo.

Foto: Reprodução (livro)



Brasil: Uma Biografia
De Lilia Schwarcz e Heloisa Starling
Companhia das Letras | 2015

Qual o papel da mídia no processo de construção da história do Brasil? Apesar de tratar da mídia no livro, eu não me considero especialista em mídia. Acho que o papel da mídia é semelhante ao nosso papel como cidadãos. No século 16, um filósofo que eu gosto muito, (Étienne) La Boétie, escreveu o Discurso da Servidão Voluntária. Ele dizia que o maior problema para a democracia era quando a gente resolve só servir e que ninguém pode abrir mão da sua capacidade de atuar e de duvidar, sob risco de cair na servidão. Acho que a mídia tem um papel que deve ser paralelo ao nosso. Nós somos uma sociedade formada por várias instâncias e a mídia tem o papel de vigiar o Estado e a todos nós e nós temos um papel de vigiar a mídia também. A boa democracia é aquela que consegue equilibrar as suas várias agências de participação. **U**

GASTRONOMIA COM GRIFE

E SOTAQUE FRANCESES

UNIFOR E LE CORDON BLEU JUNTOS EM PROGRAMAS DE FORMAÇÃO
TÉCNICA QUE POSSIBILITAM EXPERIÊNCIAS E INTERCÂMBIO EM
CULINÁRIA E NEGÓCIOS VOLTADOS PARA O TURISMO E O LAZER.

TEXTO / LUIZ CARLOS DE CARVALHO

FOTOS / ARES SOARES



Evelyn Câmara, proprietária
da marca Evelyn Patisserie.
É graduada no curso
de Patisserie da
Le Cordon Bleu Paris.



“ERA O SONHO DA MINHA VIDA ESTUDAR NA LE CORDON BLEU.

Lá, aprendi dobrado, estudava e trabalhava, além de conviver com grandes chefs. A Cordon Bleu, além de famosa e bem estruturada, possui intensa disciplina. É uma escola onde você aprende as técnicas de trabalho, tanto na parte de cozinha quanto na parte de confeitaria. Todos são muito profissionais e detalhistas. Fui uma das primeiras cearenses a ir. Nessa época, eu trabalhava no Caesar Park Hotel. Consegui, com uma amiga, trabalhar na Escola como assistente para poder pagar o resto da minha formação. Além do diploma, tirei um Mension Très Bine, que é o primeiro lugar. Foram três anos: 2000, 2001 e 2002. No último ano, eu fiz o curso superior e voltei. Passei cinco anos e meio no Caesar Park, depois fiz a Cozinha Experimental da M. Dias Branco por dois anos e meio em programa de televisão e depois abri duas lojas, a Evelyn Patisserie, por dois anos. Hoje, comercializo meus produtos em padarias, salões de beleza, confeitarias, cafeterias e também trabalho com encomendas de produtos leves”.

A Universidade de Fortaleza firmou parceria com a Le Cordon Bleu, uma das mais tradicionais e respeitadas escolas de gastronomia do mundo, com cerca de 120 anos de história e atualmente presente em mais de 20 países dos cinco continentes. Pela parceria, os alunos da Unifor terão acesso, já a partir de fevereiro, ao elevado nível dos professores da Le Cordon Bleu, além da reconhecida e premiada expertise da instituição francesa não só em culinária, mas também em hotelaria e gestão de negócios voltados para a indústria do turismo e lazer.

De acordo com o presidente e CEO da Le Cordon Bleu, André Cointreau, a parceria com a Unifor dará a mesma qualidade de ensino presente em países como França, Canadá, Espanha, Inglaterra, Estados Unidos e Alemanha. “E por conta da nossa rede de contatos, nós temos a capacidade para dar aos estudantes e professores a prática do programa de trocas de experiências, o que eu acho que oferece a oportunidade dos alunos aqui do Ceará se prepararem para o mercado internacional”, ressaltou, em visita à Unifor.



INTEGRAÇÃO COM A NATUREZA

O projeto da Le Cordon Bleu Unifor é de autoria do arquiteto Rodrigo Porto e visa a proporcionar aos alunos experiência inigualável. “Na composição do projeto, procurei abrir as janelas para integrar as cozinhas ao Campus, que oferece natureza exuberante. Ao cozinhar, o aluno será o centro das atenções, sendo observado por quem passa pelo bloco, através de grandes janelas de vidro”, ressalta o arquiteto.

As cores predominantes giram em torno do vermelho, cor especialmente escolhida para estimular sensações ligadas ao paladar e à paixão por cozinhar. O mobiliário e os equipamentos serão de última geração, capazes de facilitar o aprendizado do aluno, que ainda contará com tradução simultânea em suas aulas, já que os professores serão de Montreal, Paris e Japão. “É importante salientar que todas as exigências mundiais da Cordon Bleu foram atendidas e a promessa é de um grande sucesso”, complementa Rodrigo Porto.

Segundo o vice-reitor de Ensino de Graduação da Unifor, Henrique Sá, essa é a primeira parceria da Le Cordon Bleu nas regiões Norte e Nordeste. “Na verdade, ela chega ao Brasil em 2017 por Fortaleza, São Paulo e Rio de Janeiro. Portanto, temos a honra e a satisfação de trazer esse conhecimento e experiência profissional para os nossos alunos de forma pioneira”, frisa.

Pela parceria, serão criados programas de curta e média duração, abrangendo turismo, hotelaria, gastronomia, enologia e eventos, com início de operação previsto para este ano. “Já iniciamos os investimentos na estrutura das instalações, aquisição de equipamentos e contratação de professores. Vamos dar aos nossos alunos e docentes o que existe de mais moderno no segmento”, complementa.

Segundo Henrique Sá, os alunos da Unifor poderão incorporar ao currículo experiência internacional em qualquer uma das instituições parceiras da Le Cordon Bleu espalhadas pelo mundo. “O intercâmbio internacional será um dos principais diferenciais da parceria, até porque, quem não viajar, poderá apreender conhecimentos com os chefs internacionais que traremos para dar aulas aos nossos alunos”, enfatiza.

Lia Quinderé, proprietária da Sucré Patisserie. É graduada no curso de Patisserie na Le Cordon Bleu Paris e se especializou em Cake Design na Wilton School of Cake Decorating, em Chicago.



“EU FAZIA DIREITO NA UNIFOR E JÁ TRABALHAVA NO FÓRUM, MAS DESDE OS ONZE ANOS COZINHAVA.

Por aqui, não existia faculdade de Gastronomia e não passava pela minha cabeça trabalhar com isso, cozinhar era apenas um *hobbie*. Até que comecei a trabalhar no escritório do *buffet* da minha família. No entanto, a coisa da cozinha era muito latente, foi natural virar o olhar para a cozinha do *buffet*. Comecei a estudar, a comprar livros e percebi que precisava mudar minha vida profissional. Paris, o berço da gastronomia, seria o melhor lugar para adquirir esse conhecimento, e a Le Cordon Bleu, uma escola muito tradicional, a opção mais ambiciosa. Mirei muito alto e então comecei a me programar. Iniciei os estudos em 2004. Fiz vários intervalos entre os módulos. Em 2007, abri a minha loja, a Sucré Patisserie e cerca de cinco anos depois, trabalhando com a Sucré, em 2012, voltei para concluir o curso. A ida para a Le Cordon Bleu foi um divisor de águas na minha vida profissional tanto pela experiência e pelo conhecimento que adquiri lá, quanto pelo peso do nome da Escola. A partir disso, eu construí a minha história. Acho que uma parceria entre a Unifor e a Le Cordon Bleu trará grande benefício para o Ceará e para o Nordeste porque virá muita gente de vários Estados à procura da Escola. Será um grande divisor de águas para o Estado em nível de Gastronomia”.

“EU SEMPRE TIVE APTIDÃO PARA A COZINHA

e antes de ir para a Le Cordon Bleu, já desenvolvia trabalhos em gastronomia. Ao longo do tempo, senti a necessidade de um aperfeiçoamento. Comecei a me organizar e resolvi ir para a Le Cordon Bleu. Eu não sabia falar francês e as aulas eram em francês com tradução para inglês, mas minha vontade foi maior que o meu medo. Entendi logo nas primeiras aulas a importância que aquilo teria para mim e para o meu futuro. Fazer um curso desse, numa área que não tem tanto *glamour* quanto as pessoas falam, demanda uma dedicação de corpo e alma, tem que ter esse amor pela gastronomia. Com três meses lá, eu tive a oportunidade de ser estagiária da Le Cordon Bleu. Isso me deu respaldo técnico, meu rendimento foi mil vezes maior e tive um entrosamento muito forte com os chefs. Mais tarde, recebi alguns desses chefs no meu restaurante e o próprio presidente da escola, André Cointreau, já jantou aqui no Casa de Moá. Foram anos duros, de muito trabalho, mas foi muito bacana, uma experiência muito válida e morro de saudade. Eu tenho o maior orgulho de ter vivenciado isso.

A Le Cordon Bleu deu um respaldo técnico muito grande às minhas criações e posso trabalhar com qualquer elemento, seja ele nacional ou internacional. Posso dizer que esse diploma engrandece você como profissional, ele tem um peso. Se eu chegar a algum lugar e as pessoas souberem da minha formação, elas me olham de uma forma diferente, há um respeito por aquilo com que estou trabalhando”.



Louise Benevides, sócia-proprietária do restaurante Casa de Moá. É graduada nos cursos de Cuisine e Patisserie na Le Cordon Bleu Paris.

“ACHO QUE TENHO APTIDÃO PARA COZINHA

desde adolescente, mas me formei em Economia, pela Unifor e me especializei em Controladoria. Em 1997, eu e minha namorada fomos para o Canadá e nos encantamos pelo país. Voltamos com o país presente na memória. Tomamos então a decisão de irmos morar lá. Na brincadeira, minha namorada sugeriu que eu fizesse curso de culinária e foi aí que descobri uma filial da Le Cordon Bleu em Ottawa. Preenchi os requisitos, passei e fomos. A Le Cordon tem dois cursos básicos: o Le Cuisine e o Patisserie, que são basicamente o da parte salgada e o da parte doce. Fiz os três módulos do Le Cuisine, que é o que tenho maior aptidão, me graduei, e fiz o módulo básico de Patisserie.

Fiz vários estágios em hotéis cinco estrelas, bistrôs, feiras. Depois de graduado, passei a trabalhar efetivamente. Com o tempo, voltamos para Fortaleza. Para estreiar no mercado local, fizemos um projeto, a Soul Gourmet, pensando equilibrar uma indústria que funcionasse durante o dia com a paz de estar em família à noite. Aos poucos, fomos crescendo, e colocamos um cardápio de restaurante. Qual a importância da Le Cordon Bleu nisso tudo? O cozinheiro hoje precisa ser completo e ter uma renovação constante de técnicas culinárias. A escola se diferencia por oferecer um curso 100% ‘mãos à prática’ com o mesmo estilo e diploma em todas as filiais. A essência está em formar pessoas que trabalhem primeiramente os fundamentos da culinária e depois desenvolvam seus estilos.

O fundamental da Le Cordon Bleu é propiciar uma culinária de base e fazer uma verdadeira cozinha. Ela dá um alicerce para você falar de culinária, e ensina técnicas para você trabalhar na cozinha do mundo. A escola te prepara e te torna cozinheiro.

E eu acho que parceria com instituições sérias para disseminar conhecimento no mercado, que está carente disso, vale”. **U**



Verilo Sampaio, proprietário do restaurante Soul Gourmet. É graduado no curso de Cuisine e nível básico de Patisserie na Le Cordon Bleu Ottawa.



MULHERES UNIFOR ELAS DEFINEM O QUE É SUCESSO

TRÊS CARREIRAS DE DESTAQUE, TRÊS LÍDERES, TRÊS MULHERES QUE HOJE OCUPAM CARGOS DE CHEFIA E COMANDAM GRANDES EQUIPES. JULIANA, ADAMIR E LÍVIA SÃO FORMADAS NA UNIVERSIDADE DE FORTALEZA E AQUI ADQUIRIRAM A BASE DE CONHECIMENTO QUE ESTRUTUROU A CARREIRA DE CADA UMA DELAS. PREPARADAS PARA GRANDES VOOS, ELAS SAÍRAM DA UNIVERSIDADE PARA CONSTRUÍREM A VIDA PROFISSIONAL, ESTUDAR MAIS E TRABALHAR MUITO. ENTRETANTO, FIZERAM MAIS: TORNARAM-SE INSPIRAÇÃO. SENSÍVEIS E OBSERVADORAS, ELAS CONTAM SOBRE SUAS HABILIDADES, ESTRATÉGIAS E EMOÇÕES.

TEXTO / ALYNE CARDOSO

FOTOS / ARES SOARES

Juliana Mota de Freitas Colombo é HR Sr. Manager do Walmart. Morando em São Paulo, comanda uma equipe de 15 colaboradores em todo o País, conduzindo os processos da empresa, que reúne 1.600 funcionários. Juliana se formou em Psicologia na Unifor em 2000, e fala com muito carinho da época em que as vivências e as referências profissionais foram fundamentais na trilha por uma carreira consistente.

“Tenho as melhores lembranças, tanto da experiência em sala de aula com amigos com quem tenho contato até hoje, como também quando seguimos para atender pacientes no estágio. Depois de formada, cheguei ao mercado de trabalho mais segura e confiante de que aplicaria da melhor forma todo o conhecimento nutrido em tantos anos, com grandes profissionais abrindo os caminhos”, conta.

Mantendo contato com seus ex-colegas de turma da Psicologia, através de um grupo no Whatsapp, Juliana também não esquece dos professores da época, pessoas que marcaram sua história profissional. “Tive professoras fundamentais, que foram referência para a área que escolhi seguir carreira – a Psicologia Organizacional. Marcília Simeão, Ana Claudia Coelho, Leônia Cavalcante, que ministravam a disciplina de Ética, foram espelho de profissionais diferenciadas e comprometidas”.

Após os estágios na Universidade e as primeiras experiências do mercado de trabalho, Juliana Mota cursou Mes-

“O EMPODERAMENTO FEMININO É UM MOVIMENTO MUNDIAL EM TODOS OS CENÁRIOS.”

Juliana Mota de Freitas Colombo,
HR Sr. Manager do Walmart.

trado em Psicologia das Organizações, do Trabalho e dos Recursos Humanos na Universidade de Coimbra/Barcelona, em 2008, dividindo-se entre Portugal e Espanha. Passando por empresas como Pepsico e J. Macêdo, focou sua carreira na gestão direta de equipes de especialistas de RH e Business Partner, somando uma experiência de 16 anos na área de Recursos Humanos em empresas nacionais e multinacionais, líderes nos segmentos Bens de Consumo e Varejo.

LIDERANÇA FEMININA

“Uma liderança não se impõe, é conquistada através do exemplo, do respeito. Devemos ser líderes servidores”, ensina. Ao ressaltar a atuação da mulher em cargos de destaque no mercado de trabalho, Juliana conta que diversos setores já vislumbram esse caminho. “O empoderamento feminino é um movimento mundial em todos os cenários. E as empresas em que trabalhei respeitam e apoiam as mulheres em cargos de liderança. No Walmart, sempre enfatizamos o tema e temos relatórios em que citamos mundialmente a porcentagem de mulheres em cargos de liderança.”

Mãe de um menino de 9 meses e viajando a Fortaleza para matar a saudade da família sempre que pode, ela conta que se sente realizada profissionalmente, mas não descarta desafios. “Próximo passo, quem sabe, um movimento de expatriação, vamos ver.”



Juliana Mota / Cursou Psicologia na Unifor. Atualmente é HR Sr. Manager do Walmart.

Foto: Arquivo pessoal

Admir Macedo / Cursou Comunicação Social na Unifor. É atual Gerente de Marketing do Sistema Verdes Mares. “Mulheres sabem negociar em nome de um grupo.”

Admir Macedo é gerente de Marketing do Sistema Verdes Mares. Formada em Comunicação Social na Unifor, com habilitação em Publicidade em 2006, atuou no mercado de trabalho com criação, reposicionamento de marcas, engenharia e gerenciamento de produtos, e cursou Gestão de Projetos na Universidade de Berkeley, na Califórnia. De volta à Unifor, cursa mestrado em Administração e seu projeto trata do desenvolvimento da vocação empreendedora de mulheres de comunidades. “Mulheres sabem negociar em nome de um grupo”, exalta.

Nas lembranças da primeira experiência na Unifor, Admir aponta que aprendeu muito no Núcleo Integrado de Comunicação, o NIC. “No segundo ano, havia seleção para o NIC. Fiz o teste para a única vaga que tinha disponível, o tráfego. Foi a minha primeira experiência de trabalho, aprendi muito e fiz amigos lá, que levo para a vida inteira.”

Saindo da Universidade, estagiou na área de criação do Sistema Verdes Mares, onde usava todas as oportunidades de trabalho para aprender. “Fazia anúncios pequenos ou qualquer outro serviço que o setor precisasse. Sempre pensei que quanto mais trabalho eu tivesse, melhor para mim, que teria mais chance de aprender.”

No mercado de trabalho, Admir conheceu o setor comercial e o desa-

fiu de bater metas, percebendo outras plataformas de conhecimento. Atuou no Marketing das empresas Indaiá e Minalba, cuidando do setor em todo o Brasil, até seguir para o grupo M. Dias Branco. “Nessa época, senti a necessidade de entender mais dos processos industriais e de gestão de projetos nos diferentes setores da indústria. Foi aí que segui para o mestrado na Universidade de Berkeley, que era direcionado para engenharia e construção.”

No retorno ao Brasil, tornou-se gerente de Produtos do mesmo grupo e gerenciou marcas líderes no Brasil, como Richester, Pelaggio e Estrela. Convidada a retornar ao Sistema Verdes Mares, ago-



ra como gerente de Marketing, Adamir atua no posicionamento das marcas, pesquisa, comunicação e estratégias de mercado das emissoras TV Verdes Mares, G1 Ceará, TV Diário, Diário do Nordeste, Rádio Verdes Mares, FM 93 e Portal Verdes Mares. Ela destaca a feliz coincidência. “Foi o primeiro lugar que atuei como estagiária, o que fortaleceu ainda mais, para mim, a importância de sempre manter um bom relacionamento com todos os que estão ao nosso lado.”

Sobre liderar pessoas, Adamir conta que é preciso identificar as individualidades e incentivar as potencialidades de cada um. “Acredito que é preciso observar as emoções que atrapalham decisões e impedem crescimento pessoal e profissional e procurar falar sobre os problemas de forma clara, sempre com foco na solução. Qualquer um pode tornar as coisas mais complicadas, mas um bom profissional consegue resolver os problemas.” No seu projeto de mestrado, focado em pessoas, inovação e sustentabilidade, Adamir ressalta a mulher como principal provedora do sustento de suas famílias e a vocação empreendedora, sobretudo em comunidades economicamente menos

**“QUALQUER UM PODE
TORNAR AS COISAS
MAIS COMPLICADAS,
MAS UM BOM
PROFISSIONAL
CONSEGUE RESOLVER
OS PROBLEMAS.”**

Adamir Macedo, gerente de Marketing do Sistema Verdes Mares.

favorecidas. “Quero aplicar o meu projeto no incentivo a essa vocação, ressaltar a importância desse grupo para a economia e para o desenvolvimento social das localidades e, quem sabe, ampliar as oportunidades no desenvolvimento das habilidades profissionais dessas mulheres”.

Adamir adora ler e viajar, e acaba de realizar um sonho – conheceu o Japão e voltou encantada com a delicadeza e educação do povo. “Da toalhinha molhada quando você chega, a mudar de caminho pra ensinar o nosso. Pensar no outro para todos viverem melhor. Um grande exemplo para o mundo”.

A diretora geral do Centro de Eventos do Ceará, Lívia Holanda Aguiar, formou-se em Comunicação Social na Unifor em 2004. Com especialização em Marketing, em Comunicação Organizacional e Relações Públicas e MBA em Gestão de Negócios em Vendas, seguiu para a Califórnia para a pós-graduação em Gestão Estratégica e Marketing Internacional, na University Of La Verne.

Ela conta que o seu percurso até chegar ao Centro de Eventos foi de muito trabalho e aprendizado e ressalta com muito carinho e saudade os tempos

da formação na Unifor. “O meu curso ficava no Bloco T. Era um curso relativamente novo, a que as pessoas iam vestidas mais à vontade. A nossa turma se tornou muito unida, ficou conhecida como os charlados. Somos amigos há mais de 15 anos e temos um pacto de um reencontro da turma toda no dia 13 de janeiro de cada ano, na Praça Portugal”, diz sorrindo.

“Me lembro muito dos professores de fotografia, o Jari Vieira, que se tornou um grande amigo; o Bittencourt, que nos ensinava de um jeito tão descontraído, levando a comunicação no formato de música; Helena... Foi um grande privilégio ter esses professores dedicando seu tempo para nos passarem o conhecimento.”

Depois de formada, Lívia se mudou para São Paulo, entrando em um universo completamente novo. Começou a trabalhar no Marketing do Parque Anhembi, chegando ao cargo de diretora de Marketing e Vendas. “Tive grandes mestres, que me ensinaram tudo, a aprender a lidar com outras pessoas, a saber na prática o que era Marketing, a lidar com clientes e que, para obtermos sucesso, não devemos

fazer aquele trabalho rotineiro, e sim sempre ir além”, expõe.

Após anos de trabalho e capacitação, Lívia retornou a Fortaleza para ocupar o cargo de Gerência Comercial do Centro de Eventos do Ceará, em 2012, assumindo, a seguir, a Diretoria-Geral do equipamento, em 2013. “Quando cheguei ao Centro de Eventos, não tinha nada. Não tínhamos equipe de Marketing, Comercial, produtor de eventos, manutenção. O meu grande orgulho é saber que, nesses quatro anos, pudemos construir uma grande empresa. Hoje temos mais de 40 funcionários ligados diretamente à administração e mais de 150 funcionários terceirizados. A realização é saber que hoje essas pessoas se tornaram grandes profissionais na área de Eventos e que temos um equipamento à altura do nosso Estado, em pleno funcionamento”.

NO COMANDO

“A questão feminina nunca foi um empecilho. O desafio de ser líder é o mesmo, é lidar com as pessoas mais diferentes possíveis e tirar o melhor de cada uma, de forma individual. Todo mundo tem qualidades e defeitos. O lí-

**“NÃO TEM MUITO
SEGREDO, TEM QUE
TRABALHAR MESMO,
RALAR MUITO E
COSTAR DO QUE FAZ.”**

Lívia Holanda Aguiar,
diretora-geral do Centro de
Eventos do Ceará.



Lívia Holanda Aguiar/ Cursou Comunicação Social na Unifor, é atual Diretora Geral do Centro de Eventos do Ceará. “O líder deve extrair o melhor do seu funcionário, fazendo com que ele se torne melhor ainda”.

der deve analisar isso e extrair o melhor do seu funcionário, fazendo com que ele se torne melhor ainda”.

Apesar de estar muito feliz com suas conquistas, Lívia tem planos ousados para o futuro. “Temos que sonhar com horizontes maiores e focar nisso. Ainda desejo trabalhar à frente de uma multinacional, fora do país, e depois retornar a Fortaleza, abrir um negócio próprio e ficar perto da família”.

Lívia adora ficar com a família, ver os amigos, ir à praia, malhar, ver filmes e ama viajar. “Viajar enriquece a alma, e voltamos com outro entusiasmo e outra visão.” Resumindo os caminhos para uma carreira de sucesso, ensina: “Não tem muito segredo, tem que trabalhar mesmo, ralar muito e gostar do que faz.” **U**



Fotos: Ronaldo Miranda (Leonilson) / Leonilson, 1957 Fortaleza- 1993 São Paulo (Peixe)

ESPACO CULTURAL UNIFOR

PRAIA, SOL, MAR E ARTE

O ESPAÇO CULTURAL UNIFOR SE DESTACA COMO ROTA DE TURISMO CULTURAL, RECEBENDO OBRAS DE ARTISTAS IMPORTANTES DO PAÍS E DO EXTERIOR. ATUALMENTE EM CARTAZ COM A COLEÇÃO AIRTON QUEIROZ, O LOCAL HOMENAGEARÁ O CEARENSE LEONILSON, EM EXPOSIÇÃO A PARTIR DE MARÇO DE 2017.

TEXTO / GUSTAVO NERY

—

O trabalho que abrirá a exposição é o *Peixe*, uma pintura feita com tinta acrílica sobre tela, de propriedade da família Bezerra Dias e datada de 1971. É o trabalho mais antigo feito por Leonilson: tinha apenas 14 anos de idade quando de sua criação.



Fortaleza sempre foi destino certo para quem busca relaxar e usufruir de belezas naturais. Muito é divulgado a respeito das praias, do clima e da culinária típica do Nordeste. No entanto, a cidade acaba de se tornar oficialmente um grande ponto de encontro para quem ama artes plásticas: o Espaço Cultural Unifor foi reconhecido como Patrimônio Turístico da capital cearense pela Secretaria Municipal de Turismo (Setfor), da Prefeitura de Fortaleza. Ao longo dos anos, o local disponibiliza à população contato direto com obras de artistas essenciais na história das artes plásticas.

A exposição da vez é a impressionante Coleção Airton Queiroz. Abrigando cinco séculos de história da arte, é uma das maiores e mais exclusivas que o espaço já recebeu. É constituída inteiramente de obras do acervo pessoal do chanceler Airton Queiroz, que construiu, ao longo de quatro décadas, um panorama extraordinário da arte brasileira, que vai do Brasil holandês aos dias atuais. “Esperou-se até a coleção atingir uma maturidade e uma consistência de autores e obras e então, num gesto de generosidade do chanceler, resolvemos apresentá-la ao público. Sem dúvida é uma oportunidade ímpar de conferir e desfrutar desse acervo”, afirma Thiago Braga, diretor da Divisão de Arte e Cultura da Unifor.

Com mais de 50 mil visitas, a exposição é um sucesso. Ela reúne 250 obras de grandes nomes das artes plásticas brasileiras, como Candido Portinari, Ismael Nery, Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral, Antonio Bandeira e vários outros, além de artistas marcantes do cenário internacional, como Monet, Renoir, Miró e Dalí. Tudo passou por curadoria e organização dos experientes Max Perlingeiro, Fábio Magalhães e José Roberto Teixeira, sob a supervisão do próprio Airton Queiroz.



“Exposições como esta são sempre muito bem-vindas. O Ceará carece desse contato com os grandes artistas, tão importantes na construção de nossa percepção artística.”

Rafael Limaverde, artista visual.

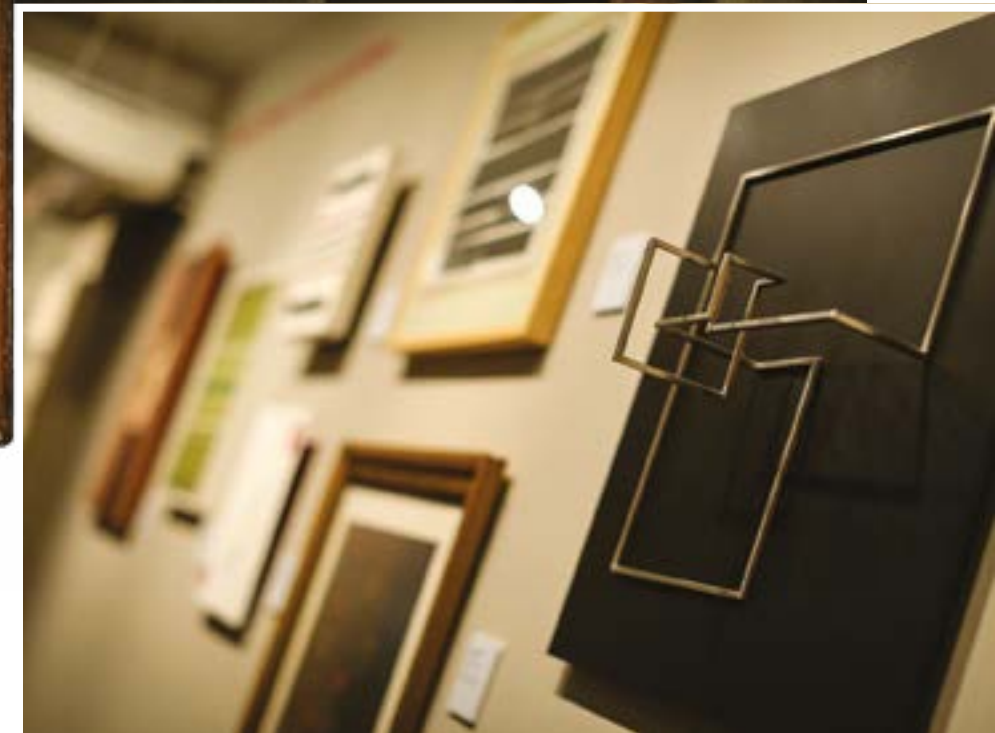
“É uma coleção que faz um percurso muito rico por toda a história da arte no Brasil. Contempla todos os períodos, épocas e movimentos artísticos importantes. Temos a presença de grupos de artistas que fizeram grandes movimentos para a arte brasileira, assim como a sua presença individual”, conta Cecília Bedê, curadora da Biblioteca de Acervos Especiais da Fundação Edson Queiroz. Sobre ser um acervo pessoal, ela ressalta: “Quando uma coleção passa a ser pública, acaba tendo também uma função educativa que, para mim, é a mais importante: garantir o acesso do público em geral à arte de uma forma mais ampla”.

Uma das maiores da América Latina, a Coleção Airton Queiroz traz para o Espaço Cultural Unifor uma oportunidade única de ver de perto obras raríssimas e que talvez não voltem a ser expostas por um longo tempo. Uma delas, por exemplo, é o quadro retrato “A Mulher de Cabelos Verdes” (1916),

Fotos: Ares Soares (Rafael Limaverde e Espaço Cultural Unifor)



A exposição Coleção Airton Queiroz reúne cinco séculos de história da arte e é aberta ao público. Entre os destaques está a obra A Mulher de Cabelos Verdes, de Anita Malfatti (acima).





“Gosto muito de vir para cá pensando ‘qual seria a minha exposição nesse percurso?’. Gosto de ligar os concretos brasileiros com os precursores deles na ala internacional. Gosto de ver Adriana Varejão e, então, vir para os quadros barrocos e lembrar dela. Ver obras diferentes e se elas têm alguma relação.”

Jacqueline Medeiros, pesquisadora em arte e curadora.



“É um tanto quanto prazeroso ver algumas das pinturas que fazem parte desta coleção, mas o mais importante é perceber o olhar do colecionador. A noção de sensibilidade, o olhar, a subjetividade. A visão pessoal da arte e da história de artistas brasileiros.”

Cecília Brunson, galerista e curadora baseada em Londres.



A exposição é dividida em cinco ambientes, contemplando obras de períodos históricos e movimentos artísticos.

da paulistana Anita Malfatti, que, em sua primeira exibição, recebera duras críticas de Monteiro Lobato no jornal O Estado de São Paulo, resultando no aumento de sua popularidade e no pontapé inicial para o movimento modernista brasileiro. Uma cópia do artigo de Lobato, inclusive, está na exposição, disposta ao lado da obra.

Para o artista, pesquisador e professor Herbert Rolim, a construção dessas narrativas históricas é um ponto importante do processo curatorial realizado: “A curadoria permite, por exemplo, confrontar obras de Anita Malfatti antes e depois da crítica depreciativa de Monteiro Lobato,

e o quanto isso afetou seu trabalho, como podemos ver, curiosamente, em suas obras expostas no setor Modernista”.

A exposição é dividida em cinco ambientes, contemplando períodos históricos e movimentos artísticos: séculos XVII, XVIII e XIX; século XX modernistas; século XX abstratos, arte contemporânea; e presença estrangeira. “A Coleção permite ao grande público o acesso a importantíssimas obras de arte. Um acervo belíssimo que conta, em sua montagem, com um recorte sensacional da história da arte e de seus principais artistas”, comenta o artista plástico Rafael Limaverde.

Fotos: Ares Soares (Jacqueline Medeiros, Cecília Brunson, Daniel Hourdê, Paul Rutman, Herbert Rolim e Espaço Cultural Unifor)



“Essa exposição é fantástica porque pude me aproximar mais da arte brasileira, que é bem diferente da francesa. Um quadro do Portinari não é tão distante de um do Picasso em valor, mas é diferente. Antes de vir aqui ano passado, eu conhecia pouco da arte brasileira. Foi muito interessante descobrir outros artistas.”

Daniel Hourdê, artista plástico francês.



“É uma coleção fantástica e estou impressionado com os artistas brasileiros. Estive pensando na oportunidade maravilhosa que a Universidade está dando aos alunos e, como professor, estou profundamente tocado pelo que ele [Airton Queiroz] tem feito, por abrir sua coleção ao público. É fantástico!”

Paul Rutman, pianista nova-iorquino.



“Há a possibilidade de uma leitura crítica da Arte Brasileira a partir de suas matrizes até a atualidade, o que nos leva às obras de artistas viajantes do período colonial, século XVII; à singularidade do Barroco nacional, século XVIII; à instauração da arte acadêmica no Brasil, fortemente marcada pela Missão Artística Francesa, século XIX; à formação do pensamento moderno brasileiro, herdeiro das Vanguardas Europeias, mas de caráter nacionalista, século XX; à produção fundante da arte abstrata, geométrica e construtiva do país; às experimentações estéticas do Neoconcretismo, como contributo à cena internacional; e, por fim (ou por enquanto), à arte da década de 1980 para cá (da pintura ao objeto, do conceito à instalação) com alguns nomes que ajudam a pensar a contemporaneidade.”

Herbert Rolim, artista, professor e pesquisador.

EM MARÇO

LEONILSON: MEMÓRIA E ARQUIVO VIVO

Em 2017, o artista plástico cearense José Leonilson comemoraria 60 anos. E o Espaço Cultural Unifor celebra a trajetória desse artista único com uma exposição em sua homenagem, a partir de março de 2017. A exposição, próxima em cartaz no Espaço, receberá alguns trabalhos emblemáticos, outros pouco vistos e muitas obras inéditas do desenhista, pintor e escultor.

Simultaneamente, o catálogo *raisonné* de Leonilson será lançado, após 24 anos de extensa pesquisa e documentação, realizadas pelo Projeto Leonilson – uma sociedade civil formada por amigos e familiares do artista. Organizado numa parceria do Projeto Leonilson e a fundação Edson Queiroz, o catálogo *raisonné* possui aproximadamente 3.500 obras, além de listas das exposições, bibliografia e cronologia do artista, dispostas em três volumes.

José Leonilson começou a produzir arte em 1971, quando tinha apenas 14 anos. Nascido em Fortaleza, mudou-se cedo para São Paulo, quando tinha três anos de idade. Sua primeira exposição coletiva, Desenho Jovem, ocorreu em 1979, no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo. Após longa carreira e viagens internacionais, que o inspiram em sua arte, faleceu prematuramente em 1993, aos 36 anos.

01



01 / A distância entre as cidades, 1986

02 / Montanha, C. 1981



“A exposição é uma riqueza. A reação dos convidados internacionais mostra o nível artístico que tem aqui dentro. Estou encantada com o acervo. É muito lindo.”

Sônia Muniz de Carvalho, musicista e responsável pela direção artística do Festival Eleazar de Carvalho, fala sobre o Espaço Cultural Unifor.

Ricardo Resende, curador da exposição, explica que ela será dividida em três fases: a primeira, ainda com aparência de estudos, apresenta trabalhos em sua maioria inéditos; a segunda, dos meados até o final da década de oitenta, que destaca grandes pinturas e desenhos, além dos primeiros bordados; e a terceira, que retrata o momento mais intenso e dramático de sua obra, o qual foi enaltecido pelo público e críticos de arte ao longo dos anos.

“É no final da vida que sua obra se torna mais dilacerante e afiada, como a ponta de uma faca que nos acerta em cheio. Ao mesmo tempo que ela nos toca pela singeleza, delicadeza e simplicidade, por outro lado nos fere, como uma punhalada, com suas verdades incontestes”, destaca Resende.

Fotos: Ares Soares (Sônia Muniz e João Cândido Portinari); Leonilson, 1957 Fortaleza - 1993 São Paulo (Reprodução das obras)

03



03 / Sem título, C. 1992

04 / Sem título, C. 1993

05 / 2 linhas paralelas

se encontram no infinito, C. 1992

06 / O Monte das Oliveiras, C. 1992

04



05

“Com o material pesquisado e catalogado, podemos desvendar a ‘genética’ da sua obra, seus procedimentos e experimentos artísticos e o seu desenvolvimento ao longo dos 20 anos de produção”, completa.

“A obra do Leonilson naturalmente ‘conversa’ com o público. Fazer essa exposição passeando por toda a sua produção artística, mostrando o processo criativo e contando sua história através de sua arte é como buscamos tocar o público. Estamos organizando tudo com muita dedicação. Preparem-se para admirar ainda mais esse cearense-paulista que estava sempre rodando o mundo, mas não esquecia sua terra natal”, declara Ana Lenice Dias, irmã do artista e diretora do Projeto Leonilson, fundado em 1993 e oficializado em 1995. U

“É daqueles trabalhos que ficaram guardados na casa da sua mãe, como lembrança da primeira pintura que fez, como se estivesse ‘esperando’ para ser resgatado no futuro e pudesse vir a despertar interesse para a compreensão do conjunto de sua obra, que se tornou um dos mais importantes legados artísticos do século XX.”

Ricardo Resende, curador.

06



“É formidável. É um gesto de uma nobreza, de um patriotismo, de um amor à arte extraordinários. Possibilitar ao público brasileiro entrar em contato com o que está revelando a sua alma. Estar na Universidade é um privilégio, você está dentro de um museu.”

João Cândido Portinari, diretor geral e fundador do Projeto Portinari, fala sobre o Espaço Cultural Unifor.

UM CAMPUS PARA A CIDADE

TEXTO / NATASHA BRAND
FOTOS / ARES SOARES

Um respiro de natureza em meio à cidade grande. Assim é o *campus* da Unifor. Aberto ao público aos fins de semana para atividades de esporte e lazer, o *Campus* da Unifor recebe famílias e grupos de amigos que aproveitam o espaço para praticar esportes, brincar e também para um gostoso piquenique. Conversamos com alguns grupos que compartilharam com a gente por que escolheram a Unifor como ponto de encontro e aproveitamos para saber: o que tem nessa cestinha?

O casal **Naiana Carvalho**, psicopedagoga, e **Jonathas Alpoim**, publicitário, trouxe a filhinha **Nalu**, de dois anos, para passear na Unifor. Bolo de cenoura com cobertura de chocolate, suco, café, patê, torrada e frutas embalaram a manhã da família. “Moramos perto, mas soubemos há pouco tempo que a Unifor abria nos fins de semana. É um espaço ótimo, muita sombra”, opina Naiana. “Espaços como esse são raros na cidade”, acredita Jonathas.





A professora **Karina Fontenele** aproveitou o espaço para fazer a festinha de aniversário do filho **Almir Filho**. O pequeno comemorou seis anos em um piquenique com os amiguinhos. “Queria algo diferente, para fugir dos aniversários tradicionais. Algo simples, feito para as crianças mesmo. Aqui, ao ar livre, os meninos brincam soltos, têm mais liberdade”, destaca. O tema da festinha foi super-heróis e contou com docinhos, cachorro-quente, pipoca, salada de frutas, biscoitos, suco e o bolo.



Aproveite o fim de semana no campus da Unifor. Confira a programação e regras de uso através do site www.unifor.br.



Durante um piquenique, a gestora comercial e fotógrafa **Luciana Diogo** e as filhas, **Amanda** e **Anne** batiam um papo descontraído para escolher a sobremesa que fariam juntas no próximo feriado. Luciana conta que elas são assíduas, desde que a Unifor abriu o campus para atividades nos fins de semana. “Costumamos vir pelo menos uma vez ao mês. Gosto muito de programas ao ar livre e Fortaleza não tem muitos espaços assim”. Na cesta caprichada estavam água, suco, panetone, café, biscoito, chocolate e livros de receita”.

DICAS

O QUE LEVAR PARA UM PIQUENIQUE?

A PROFESSORA DO CURSO DE NUTRIÇÃO, CLÁUDIA VASCONCELOS, DEU DICAS DE COMO MONTAR UMA CESTA PARA UM PIQUENIQUE SAUDÁVEL E SABOROSO. CONFIRA!

01 Não leve alimento que se deteriora com facilidade, tais como produtos com maionese (molhos, patês etc), ovos, peixes, carnes, molhos;

02 Prefira lanches leves como frutas, sucos de frutas, salada de frutas, pães caseiros sem muito recheio, bolo simples, biscoitos caseiros, tapioca, cuscuz;

03 Prefira salgados ou tortas assadas, quiches, sanduíches com recheios simples (geleia, queijos), bolos sem cobertura ou recheio;

04 Lembre-se de higienizar corretamente frutas e verduras antes do consumo;

05 Outras sugestões de lanches são: batata chips (feitas no forno, sem óleo), palitinhos de legumes (exemplo: cenoura), tubérculos cozidos (batata doce, macaxeira) e muffins. O importante é **tentar conhecer quais os alimentos preferidos das pessoas** que irão ao piquenique e selecionar os alimentos saudáveis preferidos;



A turma da faculdade de Odontologia da **Camila Moreira** sempre se reúne e escolheu a Unifor para um piquenique numa manhã de domingo. Ela e a filha **Laís**, de um aninho, se reuniram a outros adultos e crianças para um lanche com bolo, cachorro-quente, pipoca, torrada, frutas, água de coco, entre outros. “Aqui o espaço é perfeito para fazer piquenique e trazer as crianças”, acredita.

06 **Cuide do armazenamento** dos alimentos, utilizando bolsas ou recipientes térmicos para acondicionar alimentos perecíveis, ou seja, que se estragam com facilidade como leite, queijos, iogurtes, frios, sanduíches prontos, saladas de frutas;

07 **Consuma alimentos armazenados em bolsas térmicas** em até no máximo 2 horas;

08 Adicione algumas **gotinhas de limão ou suco de laranja** à salada de frutas para evitar seu escurecimento;

09 Prefira os **sucos naturais**, feitos da fruta ou polpa de fruta e os acondicione em garrafas térmicas;

10 Lembre-se de utilizar **pouco açúcar nos sucos**. Alguns não necessitam da adição desse ingrediente, pois algumas frutas já contêm o seu açúcar natural. Se preferir, troque a água do suco por água de coco;

11 Prefira copos, pratos e talheres **descartáveis**, se for o caso;

12 **Leve lanches que possam ser comidos com a mão**, mas lembre-se de levar produtos para a higienização das mãos, como álcool em gel, lenço umedecido e, é claro, guardanapos;

13 Não se esqueça dos **sacos para lixo**. Não jogue restos de alimentos nos espaços públicos. Lembre-se de que na mesa também se educam as crianças!

14 O guia alimentar da população brasileira orienta que comer em companhia é um hábito muito saudável; por isso, **aprovoite e convide amigos e familiares** para o seu piquenique;

15 **Leve a maior parte das preparações prontas**, mas se conseguir levar ingredientes separados e previamente higienizados para montar no local (como sanduíches e saladas de frutas) é uma ótima oportunidade de envolver crianças, jovens e adultos na elaboração das suas refeições. Lembre-se: crianças que ajudam na preparação das suas refeições sentem-se mais dispostas a experimentar novos alimentos e sabores;

16 **Leve e consuma** bastante água.

Fotos: Ares Soares



A jornalista **Franciane Amaral** e o empresário **André Queiroz** aproveitaram a manhã de sol para comemorar os dois meses do pequeno **João Lucas**. A família trouxe bolo e suco e claro, leitinho para o pequeno. “Da última vez que viemos eu ainda estava grávida e agora voltamos para comemorar os dois meses dele”, conta a jornalista.



A família da jornalista **Helena Félix** se reuniu para comemorar o aniversário de 70 anos do pai dela, **Pedro Militão**. Ela conta que todo mês a família se reúne para um piquenique na Unifor. “Sempre tem a comemoração dos aniversariantes do mês e cada um traz uma coisa”, explica. A mesa farta tinha bolos, salgadinhos, cachorro-quente, suco, salada de frutas, café, chocolate quente. **U**

PLURAL

22 ANOS

RECÉM-GRADUADA EM /PUBLICIDADE
E PROPAGANDA

UMA LEMBRANÇA INESQUECÍVEL / QUANDO PASSEI PARA A MONITORIA INSTITUCIONAL FOI UM DOS MOMENTOS MAIS INESQUECÍVEIS PARA MIM. EU JÁ ERA MONITORA VOLUNTÁRIA HAVIA 6 MESES E ENTÃO ABRIU A VAGA DA MONITORIA INSTITUCIONAL PARA A DISCIPLINA. FIZ A SELEÇÃO COM GENTE CRÂNIO, PESSOAS MUITO INTELIGENTES. CONSEGUI PASSAR E GANHEI A BOLSA.



“Entrei na Unifor em 2012 com a pressa de quem queria se formar logo para trabalhar. Mas aí entrei no grupo de estudos Jornadas Urbanas Comunicacionais, da professora Alessandra Oliveira, e comecei a me interessar pela pesquisa acadêmica e a me envolver com a Universidade. Por seis meses fui monitora voluntária da disciplina Sociedade de Informação e Tecnologias, também da professora Alessandra, e hoje sou monitora institucional da mesma disciplina. Agora vou me formar. Se eu pudesse ficaria muito mais, mas já cursei todas as disciplinas possíveis. Meu local de afeto na Unifor

“A CONVIVÊNCIA COM ESSA DIFERENÇA ME FEZ APRENDER MUITO. É UM ESPAÇO ESPECIAL, QUE ME FEZ SENTIR MAIS LIVRE PARA SER QUEM EU SOU E PARA CONHECER OUTRAS PESSOAS.”

é a fonte, que fica entre os blocos Q e R, que chamamos carinhosamente de Fonte dos Peitos. Aqui, durante o intervalo das aulas, conheci as pessoas mais interessantes, que conseguem debater sobre os mais diversos assuntos. Nosso curso é bastante humanizado e aqui é possível encontrar pessoas diferentes, de todas as vertentes. A convivência com essa diferença me fez aprender muito. É um espaço especial, que me fez sentir mais livre para ser quem eu sou e para conhecer outras pessoas. Amo esse lugar, ele vai deixar saudade.”

Virna Benevides, recém-graduada do curso de Publicidade e Propaganda.

ALUNOS QUE FIZERAM HISTÓRIA NA UNIFOR

Fotos: André Lima



PUBLICIDADE E PROPAGANDA

FOI UM LONGO PERCURSO TRILHADO ATÉ AQUI. MAS AGORA É HORA DE COMEMORAR! OS GRADUANDOS UNIFOR 2016.2, AGORA NOVOS PROFISSIONAIS, SAEM CHEIOS DE SONHOS E COM UM FUTURO BRILHANTE PELA FRENTE. SEJAM FELIZES E NÃO ESQUEÇAM: A UNIFOR É DE VOCÊS. PARA SEMPRE.



ODONTOLOGIA



JORNALISMO



ENGENHARIA CIVIL



COMÉRCIO EXTERIOR



ENFERMAGEM



DIREITO



ARQUITETURA E URBANISMO



FONOAUDIOLOGIA



PSICOLOGIA



NUTRIÇÃO



CIÊNCIAS CONTÁBEIS



AUDIOVISUAL E NOVAS MÍDIAS



MARKETING



MEDICINA



ENGENHARIA DE PRODUÇÃO



CONSTRUÇÃO DE EDIFÍCIOS

COMPARTILHE CONHECIMENTO. DIVIDA MOMENTOS. CONECTE-SE COM EXPERIÊNCIAS REAIS.



Acompanhe a Unifor nas mídias sociais.



UNIFORFICIAL



UNIFORCOMUNICA

www.indaiá.com.br

f/IndaiáOficial

@IndaiáOficial



EdsonQueiroz

FONTE DE INSPIRAÇÃO



indaiá

Fonte de Saúde